



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE,
AMBIENTE E TRABALHO



Significados de saúde para os feirantes de São Joaquim:

Um olhar sobre o Projeto de Requalificação

SAULO ROBLEDO CARDOSO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Salvador – Bahia
2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Saúde,
SIBI - UFBA.

R666 Robledo, Saulo Cardoso
Significado de saúde para os feirantes de São Joaquim: um
olhar sobre o olhar sobre o Projeto de Requalificação / Saulo
Robledo Cardoso. – Salvador, 2013.
84 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria do Carmo Soares Freitas

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Medicina da Bahia, 2013.

1. Saúde. 2. Feirantes. 3. Feira. I. Freitas, Maria do Carmo
Soares. II Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU 614



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE,
AMBIENTE E TRABALHO



Significados de saúde para os feirantes de São Joaquim:

Um olhar sobre o Projeto de Requalificação

SAULO ROBLEDO CARDOSO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria do Carmo Soares de Freitas

Salvador – Bahia
2013

Significado de saúde para os feirantes de São Joaquim:

Um olhar sobre o Projeto de Requalificação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Data da defesa: 06 de maio de 2013

Banca examinadora

Prof^ª. Maria do Carmo Soares de Freitas – Orientadora
FAMEB/UFBA

Prof^ª. Rita de Cassia Pereira Fernandes
FAMEB/UFBA

Prof. Elizeu Souza Clementino
PPGEduc/UNEB

FONTES DE FINANCIAMENTO

Bolsa de estudo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

“A construção de algum movimento político amplo em torno de toda a questão da “responsabilidade perante a natureza e perante a natureza humana” exige negociações e tradução entre diversos hábitos mentais que advêm dos modos desiguais pelos quais a vida material, as práticas sociais e os sistemas de conhecimento são orquestrados e organizados. Somos necessariamente antropocêntricos, etnocêntricos e autocêntricos. Não obstante, mesmo que nossa tarefa seja, como diz White (1990, p. 257-264), “ser distintivamente nós mesmos em um mundo de outros” (p. 264), continua a haver várias maneiras de sermos “nós mesmos”. As opções que fazemos e as práticas a que nos dedicamos têm tudo a ver com a construção de nosso potencial de espécie”(Harvey, 2000).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao Bom Jesus do Senhor do Bonfim / Oxalá, pela conclusão desta etapa da minha vida.

A minha família pelo apoio e compreensão nas minhas jornadas profissionais e humanas, nas pessoas de Nilcéa Robledo Cardoso, minha mãe, Sâmia Robledo Cardoso, minha irmã, e in memória do meu pai Antonio Carlos Moreira Cardoso;

A Maria do Carmo Freitas, minha orientadora, pela parceria e enormes contribuições no desenvolvimento desta trajetória de pesquisa;

A Rita Fernandes, professora e profissional inspiradora, que me apresentou a ergonomia e que tantas contribuições generosamente ofereceu a este estudo.

A Elizeu Souza pelas valiosas contribuições durante a etapa de qualificação e sua generosa disponibilidade em fazer parte da banca.

A Paulo Pena, pelo acolhimento e inspiração desde a minha chegada ao PPGSAT;

A Fernando Carvalho, por quem nutro maior admiração profissional e pela condução dos trabalhos de mentor e coordenador do PPGSAT;

A Antônio Aristides, pelo companheirismo e inúmeros incentivos nesta jornada;

A Wellington Oliveira e família pelo acolhimento e inúmeras contribuições aos objetivos deste estudo;

Aos Colegas do PPGSAT que colaborativamente influenciaram e contribuíram para o meu desenvolvimento durante esta pesquisa, em especial aos amigos Luiza Braga, Henrique Saldanha, Ana Neta, Manoel Henrique, Gariel Muricy e Ana Paula Medeiro.

Aos amigos que contribuíram com compreensões, apoio, comprometimento e diversão que me fortaleceram durante essa caminhada.

Às funcionárias Solange e “Inha” pelo acolhimento e auxílios luxuosos aos mestrandos;

LISTA DE SIGLAS

Apfas - Associação dos Feirantes da Cidade de Salvador

Ascarvi - Associação de Carnes e Vísceras da Feira de São Joaquim

CODEBA - Companhia Docas do Estado da Bahia

Coelba - Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia

CONDER - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado

EBAL - Empresa Baiana de Alimentos S.A.

Embasa - Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A.

FSJ – Feira de São Joaquim

GAM - Galpão de Água de Meninos

PMS - Prefeitura Municipal de Salvador

PRFSJ – Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim

Sesp - Secretaria Municipal de Serviços Públicos

SETUR - Secretaria do Turismo -, pela capacitação dos

Sindifeira – Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador

SPU - Secretaria do Patrimônio da União

Sucom - Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município

Surcap - Superintendência de Urbanização da Capital

TAC - Termo de Acordo e Compromisso

Visa/SMS - Vigilância Sanitária Municipal

TABELA DE IMAGENS

01 – Ambiente da Feira de São Joaquim 01

02 – Ambiente da Feira de São Joaquim 02

03 – Galpão Água de Meninos

04 – Máquina de ralar mandioca

05 – Balbina operando a máquina de ralar mandioca

SUMÁRIO

	RESUMO	
	APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	12
1	OBJETIVOS	12
2	ARTIGO I: PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE O PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA DE SÃO JOAQUIM, SALVADOR, BAHIA	14
	REFERÊNCIAS	35
3	ARTIGO II: BALBINA DE JESUS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL FEIRANTE - CONCEPÇÃO, EXECUÇÃO E CUIDADO DE SI	38
	REFERÊNCIAS	55
	ANEXOS	57
	Anexo 1 - Projeto de Dissertação	58
	Anexo 2 - Roteiro de Entrevista	74
	Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	75
	Anexo 4 - Parecer de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa	77
	Anexo 5 - Termo de Acordo e Compromisso (TAC)	78
	Anexo 6 - Transcrição do Vídeo Institucional da Secretaria do Turismo do Estado da Bahia (Setur)	80

RESUMO

A investigação aqui apresentada é constituída por dois estudos complementares que versam, respectivamente, sobre o processo de intervenção do Estado na Feira de São Joaquim, por meio do Projeto de Requalificação na promoção da salubridade deste espaço, e, um estudo de caso da atividade de ralar mandioca desenvolvida pela feirante Balbina de Jesus, ambos de ordem qualitativa. No estudo sobre a intervenção do Estado foram priorizadas as análises dos depoimentos de feirantes com experiência acima de 10 anos, bem como de suas atividades nesta feira, dos discursos do Governo em vídeos institucionais sobre sua intervenção, além da análise de documentos e registros audiovisuais das etapas do projeto entre os anos de 2011 e 2012. Para o estudo sobre a atividade desenvolvida pela raladora de mandioca foi aplicada a análise ergonômica do trabalho (AET), por meio de visitas técnicas, observações participantes e entrevistas semi-estruturadas nos últimos 10 meses, cuja abordagem foi focada na organização da atividade, suas demandas e impactos à saúde da trabalhadora. Os registros audiovisuais também constituíram importantes ferramentas neste estudo. Foi verificado no estudo sobre a intervenção do Estado, que possíveis ameaças se apresentam contra a efetiva promoção da saúde e da segurança no espaço da feira. Estas se expõem por meio da diminuída participação dos feirantes nos processos de pensar, planejar, executar e acompanhar o desenvolvimento da saúde e segurança neste lugar, no direcionamento da intervenção objetivar mais a promoção do turismo do que da saúde, além das ameaças à manutenção da cultura informal feirante. Detectou-se por meio da AET que o uso da máquina traz riscos para a saúde de Balbina e que a efetiva aproximação dos agentes do Estado aos trabalhadores feirantes e às suas atividades poderia contribuir significativamente para a compreensão, o desenvolvimento e a organização do conjunto de elementos que constituem estas atividades. Diante das verificações, assinala-se a necessidade de que planejamentos de intervenções públicas que visem à promoção da saúde em feiras devam contemplar maior participação dos mantenedores da atividade, no sentido de colaborar para o desenvolvimento eficaz da saúde ambiental e ocupacional nestes espaços.

Palavras-chave: Feira de São Joaquim; Atividade informal feirante; Projeto de Requalificação; Trabalho informal, Etnografia da feira, Ergonomia em feira.

ABSTRACT

The research presented here consists of two complementary studies which deal, respectively, on the process of state intervention in São Joaquim's fair, through Project Renewal in promoting of the health of this space, and a case study of activity developed by grating cassava marketer Balbina of Jesus, both qualitative order. In the study of state intervention were prioritized analyzes the testimonies of marketer with over 10 years experience, as well as their activities at the show, the speeches of the Government in his speech on corporate videos, as well as analysis of documents and audiovisual recordings of stages of the project between the years 2011 and 2012. For the study of the activities developed by the cassava grater was applied to ergonomic analysis (AET), through technical visits, participant observation and semi-structured interviews in the last 10 months, whose approach was focused on the organization's activity, their demands and impacts the health of the worker. The audiovisual recordings also were important tools in this study. Was observed in the study of state intervention, which present potential threats against the effective promotion of health and safety within the fair. These are exposed through the decreased participation of merchants in the processes of thinking, planning, executing and monitoring the development of health and safety in this place, in the direction of the intervention aim to promote more tourism than health, beyond the threat to the maintenance of informal culture marketer. Was detected by AET that the use of the machine brings health risks to Balbina and effective approach of state agents fairground workers and their activities could contribute significantly to the understanding, development and organization of the set of elements forming these activities. Given the findings, it is pointed out the need for planning of public interventions aimed at promoting health fairs should include greater participation of supporters of the activity, in order to contribute to the effective development of environmental and occupational health in these spaces.

Key Words: São Joaquim's fair; Informal activity marketer; Redevelopment Project; Informal work, Ethnography of the fair, Ergonomics in the fair.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação corresponde ao processo de investigação da ação de intervenção do Estado na Feira de São Joaquim (FSJ), bem como a análise da atividade informal feirante. Para tanto, foram realizados dois artigos para publicação. O primeiro apresenta um conjunto de elementos que visam ilustrar, através da análise de depoimentos e documental, os processos históricos de aproximação do Estado da atividade feirante, bem como das ações da primeira etapa do Projeto de Requalificação em curso. O segundo artigo apresenta um estudo de caso da atividade de ralar mandioca desenvolvida pela feirante Balbina, tendo como foco principal as demandas desta atividade por meio da Análise Ergonômica do Trabalho (AET).

Vale sublinhar, que o trabalho informal tem sido objeto de interesse do autor há mais de dez anos quando iniciou seus estudos sobre os vendedores de rua da cidade do Salvador. Durante esse período foi possível acompanhar as dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores diante da necessidade de desenvolvimento das suas atividades.

O interesse em desenvolver um estudo na Feira de São Joaquim ocorre diante do reconhecimento da intervenção histórica do Governo do Estado, através da Secretaria do Turismo, tendo em vista a relação de distanciamento estabelecida entre o poder público e o espaço em questão. O Projeto de Requalificação apresentado pelo Estado representa para os milhares de trabalhadores feirantes a possibilidade de reverter a ação proferida pelo Ministério Público estadual para o fechamento da FSJ devido às condições de insalubridade apresentadas neste lugar.

1 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar os significados do Projeto Governamental de Requalificação da Feira de São Joaquim no que concerne às melhorias das condições ambientais para os feirantes, e nesse sentido, para um melhor entendimento das relações sociais da feira no mundo do trabalho apresenta-se um estudo de caso sobre a experiência de uma feirante e a ergonomia.

Objetivos específicos:

- Analisar as noções de saúde inscritas no Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim;

- Descrever as condições ambientais e o cotidiano de trabalho do feirante;
- Compreender os significados das condições de trabalho feirante, por meio do estudo de caso de uma raladora de mandioca.

2 ARTIGO I: PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES SOBRE O PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA DE SÃO JOAQUIM, SALVADOR, BAHIA

PERCEPTION OF FAIRGROUND ON REHABILITATION PROJECT ARE FAIR SÃO JOAQUIM, SALVADOR, BAHIA, BRAZIL

RESUMO

A Feira de São Joaquim, às margens da Baía de Todos os Santos, na cidade do Salvador – Bahia, enquanto maior centro de abastecimento da cidade, foi acionada judicialmente no ano de 2008 pelo Ministério Público do Estado da Bahia devido às condições de insalubridade apresentadas neste espaço. Sob o argumento de deter o fechamento desta feira o Governo Estadual, através da Secretaria do Turismo, manifesta-se apresentando o Projeto de Requalificação deste equipamento, por meio de intervenções estruturais e de capacitações para os feirantes. O presente estudo tem como objetivo descrever as ações de intervenção do Estado no ambiente da feira, tomando como foco principal os impactos destas ações na atividade feirante, sob a perspectiva da saúde ambiental e ocupacional. Neste sentido, a metodologia utilizada foi composta pela observação participante, entrevistas em profundidade com feirantes, além da análise documental e das narrativas. Foram identificadas contradições como: a pequena participação dos feirantes nos processos decisórios; o fomento ao empreendedorismo e à autonomia dos feirantes, por parte do Estado, visando a formalização das atividades informais na feira; foco na potencialização do turismo afastando-se das diretrizes originais de promoção da saúde ambiental e ocupacional neste espaço. Conclui-se que o planejamento da intervenção prevista se distancia da efetiva em curso, e que há uma crescente de descontentamento e dúvidas sobre a requalificação em curso, por parte dos feirantes, o que pode vir a ameaçar o êxito de uma ação tão importante para as atividades deste lugar.

Palavras-chave: Feira de São Joaquim; Atividade informal feirante; Projeto de Requalificação.

SUMMARY

The São Joaquim's fair, on the edge of the Baía de Todos os Santos (Bay of All Saints), in Salvador city, on state of Bahia, as the largest supply center of the capital, was sued in court in 2008 by the Public Ministry of the state of Bahia due to conditions unsanitary presented in this space. Arguing to stop the closing of this fair the Government State, through the Department of Tourism, manifests itself by presenting the Project of Redevelopment of this equipment through structural and capabilities to the marketers. This study aims to describe the actions of the state intervention in the environment of the fair, with special focus on the impacts of these actions on marketer activity, from the perspective of environmental and occupational health. In this sense, the methodology used was composed by participant observation, in-depth interviews with marketers, as well as document analysis and narratives. Contradictions were identified as: a small share of the marketers in decision making; fostering entrepreneurship and autonomy of the marketers by the State, for the formalization of informal activities at the fair, focus on empowerment of tourism away from the original guidelines promotion of environmental and occupational health in this space. We conclude that the planning of the intervention is far from the ongoing project and there is a growing

discontent and doubts about the process, by the marketers, which may threaten the success of an action so important for this activity place.

Key Words: São Joaquim's fair; Informal activity marketer; Redevelopment Project.

Introdução

Este estudo se debruça sobre a problemática de condições de saúde e trabalho no ambiente da Feira de São Joaquim (FSJ) na cidade do Salvador, Bahia. Aborda numa linguagem etnográfica, as situações laborais em que se misturam cheiros, animais, alimentos, precárias condições de acondicionamento dos alimentos etc., como mostramos mais adiante. Vale dizer que a feira agrega predominantemente o trabalho informal, e é sobre este tipo de organização e a intervenção do Estado nomeada “Requalificação” que iremos apresentar.

A Feira de São Joaquim (FSJ), desde a sua constituição, enquanto espaço social de comercialização informal, até seu reconhecimento como um patrimônio cultural da cidade do Salvador, possui particularidades importantes de notificação no que concerne à ambiência de saúde e trabalho. Nesse sentido, este estudo mostra aspectos dessa dinâmica de funcionamento, analisados a partir de construções históricas sobre a atuação dos poderes públicos para com a atividade feirante, envolvendo aspectos da saúde ocupacional e ambiental neste espaço público. Busca então, compreender a dinâmica de funcionamento da FSJ, a partir da relação entre as atividades desenvolvidas neste espaço e a atuação dos poderes públicos.

O cotidiano da FSJ é marcado visivelmente por condições ambientais precárias e insalubres, demonstrando o abandono ou a indiferença do poder público para com a atividade feirante. Chama a atenção, as disposições desordenadas das estruturas físicas. Tudo isso implica num aumento considerável dos riscos de acidentes e de contaminação, pela falta de saneamento básico, para as multifunções sociais que fazem parte do dia-dia desse lugar, onde se comercializam os mais diversos produtos, inclusive, pessoas. Ou seja, se comercializam alimentos, artesanatos, vestuário e prostitutas. O tráfico aberto de drogas ilícitas (medicamentos adulterados, crack, cocaína e maconha) gera violência e medo. A prostituição ocorre com rifas (as pessoas são rifadas e o ganhador escolhe entre dinheiro ou sexo). O lugar é “terra de ninguém”. Onde se acolhem de foragidos da polícia ao turista que vem ver o exótico da Bahia.

Este estudo etnográfico visa contribuir com uma aproximação desta realidade, das condições de trabalho dos feirantes, e compreender os significados aludidos por estes atores em torno do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim (PRFSJ).

Nas primeiras observações de campo percebe-se que os feirantes atribuem importância ao projeto, mas também o criticam e fazem sugestões. O projeto, gerido pela Secretaria do Turismo do governo do Estado, sugere modificar estruturas físicas e potencializar a atividade turística com vistas aos grandes eventos que serão recebidos em Salvador, como a Copa do Mundo de Futebol, a Copa das Confederações e as Olimpíadas, entre 2013 -16.

Metodologia

Este trabalho está subdividido em três fases: 1) análise de documentos históricos e do vídeo institucional do PRFSJ produzido pela Secretaria do Turismo do Estado da Bahia - Setur (Projeto, 2011); 2) inserção no campo com a observação participante, conversas com lideranças dos trabalhadores da feira, consumidores, visitantes e agentes dos órgãos públicos envolvidos no projeto de intervenção, além de produção de registros audiovisuais; entrevistas em profundidade com feirantes envolvidos na primeira etapa do PRFSJ; 3) análise das narrativas.

O trabalho foi iniciado com a identificação, catalogação e leitura de periódicos e outros documentos encontrados na Biblioteca Pública do Estado da Bahia e no Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador - Sindifeira, em que foram destacadas expressões semânticas sobre as noções relacionadas à saúde e condições de trabalho. Concomitantemente, observou-se em campo, as condições de trabalho em meio às diferentes atividades desses comerciantes. Com isso, o estudo aprofunda as questões do cotidiano para mostrar as inter-relações sociais. A observação participante apresentou registros das condições de trabalho, ambiente e salubridade, além da dinâmica da organização desse comércio. Para este método, utilizam-se estudos da área da antropologia, como a etnografia, análise de narrativas e conteúdos (GEERTZ, 2008; CERTEAU, 1994). A análise fez uso de fragmentos das conversas com habitantes e transeuntes da feira, visando à compreensão da problemática das condições de trabalho dos feirantes.

As entrevistas em profundidade surgem no momento de maior aproximação do pesquisador com os sujeitos colaboradores desta pesquisa. A saber, os feirantes mais antigos, inscritos na primeira etapa de remanejamento do PRFSJ, além de membros do sindicato dos feirantes e de representantes do Estado envolvidos com o projeto. Estas entrevistas trouxeram fragmentos das histórias de vida dos feirantes, das suas vivências no cotidiano do trabalho, expectativas acerca da intervenção proposta pelo Estado para as melhorias da feira, percepções dos riscos para a saúde e contribuíram sobremaneira para uma melhor

compreensão das estruturas instauradas a partir do processo de intervenção do Estado. Em respeito aos acordos estabelecidos nos termos de consentimento assinado pelos feirantes participantes desta pesquisa, seus nomes serão preservados sendo aqui utilizados nomes fictícios para preservar suas reais identidades.

As análises desenvolvidas neste artigo foram elaboradas com base na observação participante junto ao contexto vivenciado com feirantes, consumidores, visitantes e representantes dos órgãos governamentais envolvidos no Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim - PRFSJ. O estudo reúne diversas narrativas de feirantes e observações do cotidiano da Feira, para descrever e analisar o referido projeto de intervenção governamental e a real necessidade dos feirantes. Desse modo, são expostas algumas proposições advindas de interpretações sobre o conjunto de fatores determinantes da correlação entre o poder público e a FSJ. Para tanto, este estudo valorizou: os enunciados dos feirantes acerca das condições ambientais do espaço provisório proposto pelo Estado; as suas perspectivas de melhorias das condições de trabalho; além dos discursos oficiais sobre o projeto de requalificação.

Ao resgatar a história contada pelos feirantes de São Joaquim e analisar os documentos sobre a construção dessa atividade na cidade do Salvador, observa-se, de início, a densidade social desse comércio, com suas variações em torno da informalidade, cuja organização se baseia na cooperação entre os diversos atores sociais, no silêncio e no grito de muitos que vivenciam o cotidiano da feira.

A feira, o feirante e o ambiente de intervenção

Na Baía de Todos os Santos, dos anos 1920, na cidade baixa da capital soteropolitana, o sétimo galpão da Companhia Docas do Estado da Bahia (CODEBA) era ocupado por um grupo de comerciantes que vendiam mercadorias trazidas por grandes saveiros vindos do Recôncavo Baiano. Nascia a Feira Móvel do Sete, com suas barracas, pequenas bancadas, plásticos e lonas náuticas que serviam de estrutura para a exposição das mercadorias. Assim se inaugurava a base fundamental da atual Feira de São Joaquim.

O primeiro deslocamento da feira se dá a partir da construção do Moinho de Farinha da Bahia, que estrategicamente constrói suas instalações próximas ao porto de Salvador. Retirada do espaço que ocupava semanalmente, a Feira do Sete encontrou um novo espaço para o desenvolvimento de suas atividades na bacia de Água de Meninos, passando assim, a ser chamada Feira de Água de Meninos (nome próprio dado às enxurradas das chuvas da Ladeira da Água Brusca que se acumulavam como grandes poças perto da praia onde ficava a feira).

Com o crescimento da cidade e o desenvolvimento de transportes de mercadorias entre a capital e o interior da Bahia, a Feira de Água de Meninos cresceu desordenadamente, ocupando cada vez mais importância na vida do Estado no que se refere à circulação e diversidade de mercadorias (gêneros alimentícios, utensílios domésticos etc.). Contribuía assim para o abastecimento da cidade, esta que tinha precárias estruturas comerciais (pequenas mercearias e armazéns de bairros que eram abastecidos por esta feira).

Entretanto, a Feira de Água de Meninos, desde a sua formação, constituiu-se em um espaço polêmico aos olhos da sociedade soteropolitana, principalmente em relação à saúde pública, pela aglomeração de pessoas, animais, barracas e ausência de saneamento básico. A proposta de extinção dessa feira, segundo relatos dos feirantes, inclusive dispostos no vídeo institucional do projeto de requalificação, já era evidenciada pelas inúmeras investidas por parte dos poderes públicos com esta finalidade.

Diante dos impasses entre o respeito às necessidades de implementação de políticas públicas que dessem suporte ao desenvolvimento deste espaço de comercialização e a possível extinção da feira, inicia-se o processo de organização dos feirantes e de suas atividades enquanto grupo de trabalhadores. Em 15 de maio de 1945, é fundado o Sindicato dos Feirantes, que tinha como objetivo principal assegurar a continuidade das atividades, ainda que fosse necessário o enfrentamento com o poder público.

Nilton Ávila, ex-presidente do sindicato, relembra, no depoimento colhido para a produção do vídeo institucional acima citado, a importância histórica da resistência dos feirantes, diante do posicionamento das autoridades da época: *“éramos perseguidos demais pelo poder público, então decidimos criar o sindicato dos feirantes para o enfrentamento. Chegamos mesmo ao ponto de bater de frente com as autoridades daquela época que já queriam tirar a Feira de Água de Meninos”*.

As empresas de combustíveis Esso Brasileira de Petróleo e a multinacional Shell instalaram-se ao fundo da feira no início da década de 1960, trazendo aos feirantes mais insegurança quanto a ocupação do espaço, e ao risco de vazamento de gás. Nesse mesmo período, as autoridades, após várias tentativas de negociar a saída da feira da bacia de “Água de Meninos”, proibem a construção de novas barracas ou quaisquer outras estruturas pelos feirantes.

Após o golpe militar de 1964, as negociações com o poder público ficaram ainda mais difíceis. Os feirantes se negavam a desocupar o espaço, enquanto as autoridades insistiam na saída da feira daquele local. Com isso, “a Feira de Água de Meninos foi queimada! Foi incêndio criminoso!”, conforme afirma Antônio Lima, uma das lideranças entre os feirantes

(BAHIA, 2012a). “Quiseram colocar a culpa em cima da Esso e da Shell, mas todos nós sabemos que aquilo foi um incêndio criminoso do golpe militar”, complementa Nilton Ávila. Após o dia cinco de setembro de 1964, das 1.572 barracas que compunham a feira, 1.172 foram completamente vencidas pela primeira parte do fogo, que recomeçaria dois dias depois consumindo todo o resto.

“*Fizeram o seguinte: colocaram gasolina nas bocas de lobo na sexta feira à noite! Sábado era o dia forte da feira! A minha esposa quase se queima*”, conta Mestre Vitorino, importante artesão que atua na feira desde a sua vinda do Recôncavo, aos 10 anos de idade (Projeto, 2011). “*Eles não se conformaram que no primeiro (incêndio) ainda conseguimos salvar alguma coisa, e veio o segundo que levou o restante das barracas*”, remonta Nilton Ávila, sobre a tragédia consumada dia 07 de setembro de 1964.

Água de Meninos era uma pequena ‘cidade’ à beira da bacia que lhe deu o nome e que o progresso encheu de areia. Empório de gêneros de toda a espécie, desde a folha da macumba ao fogão a gás, da manta de carne seca ao vestido de noiva tudo ali se encontrava em meio a um verdadeiro submundo do vício, do contrabando, do crime. Era uma síntese de cidade. Cidade de ‘*far-west*’ porque a lei que a regia era a da audácia e da esperteza (A TARDE, 1964).

Por cima da feira, as nuvens, atrás da feira, a cidade, na frente da feira, o mar. Atrás do mar, a marinha, atrás da marinha, o moinho, atrás do moinho o governo, que quis a feira acabar (GIL, 1964). “*Aí foi o Caos! Chegou o capitão dos portos com um trator demolindo tudo. Eu perdi tudo que tinha. Todos nós perdemos*”, lamenta Mestre Vitorino (BAHIA, 2012a).

“*Mas Deus é forte, e a justiça veio!*”, enfatiza a feirante Balbina de Jesus, que atua em São Joaquim a mais de três décadas, ao explicar o acordo que nasceu a partir da necessidade dos feirantes em garantir o espaço para suas atividades e seu poder de enfrentamento junto às autoridades (Idem). Foi concedida pelo poder público, para uso por 31 anos, a Enseada de São Joaquim, para a construção da nova feira batizada com o nome do santo que nomeia a enseada. Nilton Ávila destaca a total abstenção do Estado na construção da nova feira. “Com nosso próprio dinheiro foi que fizemos aqueles boxes ali. Os boxes não foram dados pelas autoridades. Todos aqueles boxes que vocês veem foram feitos, na época, pelo próprio feirante”.

Inaugurada em 12 de setembro de 1964, a Feira de São Joaquim tornou-se na atualidade a maior do Estado da Bahia. Possui uma estrutura de mais de 36 mil metros quadrados e 3.065 feirantes cadastrados, divididos entre 2.165 em boxes e 906 em bancas, além de um público diário estimado em mais de 10.000 pessoas, entre compradores e visitantes (BAHIA, 2008).

Estes números não contemplam, no entanto, as centenas de trabalhadores não cadastrados que desenvolvem diversas atividades como carregadores, ambulantes, manicures, agentes de jogos de azar, dentre outros incluídos na categoria feirante.

Em vias da conclusão do seu processo de tombamento junto ao Ministério da Cultura, enquanto Patrimônio Cultural Imaterial, a FSJ é o berço de inúmeras manifestações culturais no que diz respeito a expressões populares, artísticas e comidas típicas. Além da venda de animais vivos, calçados, vestuário, utensílios domésticos, frutos do mar, hortifrúti, tabacaria, dentre outros lícitos e ilícitos. Representando “*o principal polo distribuidor do artesanato produzido no Recôncavo e de venda de produtos para rituais de candomblé*” (TORRES, 2006).

Lugar de trabalho, de comércio e de vender alimentos, a feira é também encontro de amigos, diversão e conversas. Sobre isso, Leny Sato (2009), em artigo acerca da organização do trabalho feirante na cidade de São Paulo, apresenta a relação entre a diversidade das atividades de trabalho na feira e sua função sociocultural.

O fato de ter características culturais tão fortes, que talvez seja justamente o fato de mantê-las o que garante a sua sobrevivência. A riqueza e a complexidade no modo de se organizar e a pluralidade de possibilidades de trabalho fazem da feira livre um espaço de trabalho, de sobrevivência, de convivência e de divertimento (SATO, 2009, p. 21-22).

A Feira de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, é apresentada no estudo de Almeida (2010) como um espaço polissêmico diante das suas diversas características econômicas e socioculturais. A pesquisadora destaca que a relação de significado da contaminação alimentar para os feirantes se estabelece muito mais por influências culturais, baseadas nos costumes e crenças, do que pela interferência de conhecimentos técnico-científicos.

Em Salvador, um estudo sobre a Feira do Japão, no bairro da Liberdade, identifica um conjunto de tradições sobre valores sanitários ainda desconhecidos até então por parcela considerável da sociedade. Minnaerte e Freitas (2010) mergulham no cotidiano desta feira para mostrar as implicações do sujo e limpo no imaginário popular desses feirantes e consumidores. Conclui que “as racionalidades sobre os riscos para a saúde geram uma estrutura, uma concepção, um arranjo, uma ordenação da feira que afeta a tradição, as crenças e interfere na significação da higiene como uma prática social” (MINAERTE & FREITAS, 2010, p.1612)

Na Feira de São Joaquim, por sua vez, ao considerar os aspectos sanitários, observam-se valores da cultura que parecem negligenciar ou desconhecer a saúde ambiental conforme a

linguagem ética da vigilância sanitária. E tudo parece ser sujo e mal cheiroso, como: restos de pescados, vísceras expostas, utilização do solo para apoiar verduras, legumes, animais vivos e abatidos. Ao lado disso, caminham em meio às atividades comerciais, pedintes, crianças e dependentes químicos, além de animais domésticos e outros que podem ser nocivos à saúde humana em função da possibilidade de veiculação de doenças (cães, gatos, ratos e insetos).

Observam-se precárias condições de acondicionamento das mercadorias, de manipulação de alimentos e sanitárias para a segurança alimentar. Estes itens constituem riscos para saúde do trabalhador da feira, seus consumidores e visitantes. No presente estudo, a situação de risco para a saúde é caracterizada como a “condição ou o conjunto de circunstâncias que tem o potencial de causar um efeito adverso, que pode ser: morte, lesões, doenças ou danos à saúde, à propriedade ou ao meio ambiente” (TRIVELATO, 1998). Nesse sentido, um projeto visando à melhoria das condições de saúde ambiental e ocupacional é necessário e relevante. Contudo, para que este seja eficaz em seus objetivos, recomenda-se o conhecimento das práticas e saberes desses feirantes que estão no cotidiano da feira, desde o abastecimento de cada espaço comercial, até a sua manutenção, limpeza e preservação do meio ambiente ocupacional.



FIGURA 01



FIGURA 02

Enquanto detentores da construção de saberes que organizam suas atividades, os feirantes são importantes agentes transformadores. Ao considerar os saberes desses trabalhadores, seus valores culturais sobre a organização da feira, higiene e condições ambientais para ocupação, provoca-se maior aproximação das bases constitutivas de suas atividades, sobretudo, em situações de intervenção por meio de projetos que visem o desenvolvimento destas.

Vale destacar que o universo da feira é composto por trabalhadores formais e informais, e nesta investigação os informais são caracterizados conforme a conceituação de Cacciamali (1989): agentes sociais produtores da economia urbana que atuam à margem do marco regulador do Estado, em atividades que não utilizam capital intensivo, que detêm alguma forma de organização e cuja remuneração é própria ou sub-remunerada. Quanto ao trabalhador formal, considera-se o conceito de Fagundes (1991), que localiza estes trabalhadores, como sendo aqueles que estão concernidos sob a égide dos marcos regulatórios e das convenções trabalhistas.

Com base nos registros do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador – Sindifeira, em 2010, os níveis de escolaridade dos feirantes atuantes não ultrapassavam, em média, o 5º ano do ensino fundamental. Além do mais, este grupo de trabalhadores é composto por distintas faixas etárias, abrangendo desde crianças a idosos. Contudo, estas questões não se constituem em barreiras para o desenvolvimento de tecnologias que lhes assegurem resultados, cada vez melhores, para as suas atividades. A busca de solução para os entraves que se apresentam no cotidiano é uma constante na dinâmica de trabalho dos feirantes.

Desse modo, depreende-se que, para compreender estas estruturas no presente contexto de intervenção, faz-se necessário conhecer a percepção dos feirantes sobre o seu ambiente de trabalho e a saúde.

No tocante às estratégias de vendas, que enfrentam transformações significativas no ambiente da feira, exigindo dos feirantes a construção e o desenvolvimento de novas abordagens, pode-se tomar como exemplo o impacto da expansão dos supermercados na cidade nas vendas da feira, conforme relatado pelo feirante Pedro:

Hoje, a verdura que vende em um mês, no passado vendia em três dias. Porque naquele tempo o mercado (supermercados) não vendia verdura, tempero. A gente vendia de manhã, escondia a mercadoria pra não acabar, pra vender de tarde. É incrível. A gente escondia pra quando chegar meio dia. Ficava guardada porque de tarde tinha outra feira pra vender mais caro (PEDRO, 2012).

Com relação às estratégias de contratação de mão de obra no espaço da feira, ainda é muito utilizado o acordo entre feirantes proprietários e trabalhadores, de diversas idades, que buscam inserção, por meio da relação aprendizes e mestres, que tem sua base nas mais antigas constituições do trabalho. Nesta relação, se estabelece um intrigante jogo em que o mestre oferece pequenos valores como pagamento pelo salário, pois, segundo ele, o aprendiz ainda não possui a experiência necessária para a execução autônoma da atividade. Experiência esta,

que é oferecida, estrategicamente, de maneira gradativa, pelo mestre. Este, inclusive, age desta maneira, visando à perpetuação da precariedade da relação trabalhista.

Também, o aprendiz busca dominar os conhecimentos oferecidos, tendo como objetivo sua autonomia ocupacional. A esse respeito, Antônio recorda suas estratégias de superação da condição de aprendiz desenvolvidas durante cerca de vinte anos atuando na FSJ, que o levou à conquista do espaço laboral do seu antigo mestre:

Rapaz, não é muito fácil não! Mas com jeito se consegue. Você fala com aquela educação e a pessoa consegue. Conseguir chegar pra os camaradas. Eles nunca querem informar, nunca querem ensinar. Como é a maneira de desossar, trabalhar, cortar isso, cortar carne e tal, eles não querem pra puder não concorrer com eles. Eles sempre se recusam (ANTÔNIO, 2012).

Neste sentido, é importante ter em conta políticas voltadas para a inserção de novos trabalhadores no ambiente feirante, de modo a contribuir para o desenvolvimento ocupacional em funções, em vias de extinção, pela ausência de quem as exerce e que podem constituir importantes meios de inclusão. Como exemplo, citamos os artesãos ceramistas e de palhas.

A organização das atividades perpassa também a compreensão do ambiente da feira enquanto extensão de suas residências. Isso no tocante à importância dada às relações familiares e ao cuidado com o trabalho. É igualmente recorrente em suas falas a compreensão da importância das suas atividades no sentido da possibilidade de ascensão social. Conforme enfatiza o feirante Pedro, falando sobre as suas conquistas materiais:

A gente vive muito bem. Eu tenho internet e computador dentro de casa, tenho três televisores, três geladeiras. Porque o tempo que eu trabalho na feira, minha filha, meus filhos e minha mulher, tem um padrão de vida razoável. Tenho minha casa própria. Eu não tinha nada, então a feira me ofereceu esse padrão de vida, então eu tenho orgulho de ser feirante. Por isso que eu luto pela feira hoje. A feira é uma parte de mim, da minha vida. (PEDRO, 2012).

Ademais desses assuntos, a violência no ambiente da feira é um dos aspectos que se apresenta como desencadeador de estratégias de superação e reorganização por parte dos feirantes. Nesse espaço de diversificadas relações, o senso de comunidade e de cooperação, possibilita o surgimento de vínculos quase que familiares. Uma rede de cuidados mútuos pode ser percebida como uma das principais táticas de proteção dos feirantes. A vigília dos equipamentos e estabelecimentos dos feirantes, durante suas necessidades de ausência do trabalho, exemplifica claramente esta rede de cuidados. Um cuida do outro entre os pares.

Outra dimensão ainda relacionada à violência refere-se às demandas psicoafetivas impostas a estes trabalhadores como no caso de conflitos com os companheiros. A feirante Marina refere-se ao impacto da perda por assassinato de pessoas próximas

A feira é uma comunidade, é uma irmandade, é uma família. Então você ficava triste quando você conhecia alguém, viu nascer ou viu crescer, ficou junto e você via cair metralhado, coberto de bala ou de facada, como eu já presenciei vários assassinatos. Então, isso é que deixava a gente mais triste, chocado, num lugar onde você vive. A gente vive na feira, dorme em casa, mas vive na feira (MARINA, 2012).

A vida na feira, em meio a tantos objetos e sentidos, envolve o feirante em questões complexas e difíceis de serem apreendidas na sua totalidade pelos feirantes. Quanto mais quando são deflagrados processos de intervenção de grandes dimensões, com características inaugurais no ambiente feirante, como o PRFSJ. Uma dessas questões está relacionada ao processo de adaptação destes atores ao espaço provisório do Galpão de Água de Meninos (GAM). Ambiente construído para atender às instalações das atividades feirantes por um período estimado em, aproximadamente, seis meses, até que fossem finalizadas as obras do espaço definitivo.



FIGURA 03

O início das obras determinou o deslocamento de parte dos feirantes para um espaço provisório, cedendo lugar a reformas estruturais e sanitárias, que prometeram transformar a área num local “limpo”, conforme o discurso do Governo do Estado (BAHIA, 2012a).

Limpo e sujo são categorias com distintos significados para feirantes e técnicos. O sujo para o trabalhador nem sempre quer dizer não higienizado com substâncias químicas, mas

antes, quer dizer confuso, sem saída, sem controle, ou presença da repressão etc. Limpo é a noção de organização. Estes conceitos se assemelham aos estudos de Mary Douglas (DOUGLAS, 1991)

Ao serem deslocados para o GAM, é observável no comportamento da chegada dos feirantes uma maior preocupação com seu ambiente de trabalho, sobretudo aos procedimentos que remetem à organização do espaço do ponto de vista das noções de saúde ambiental. Mesmo diante de insuficiências estruturais do novo espaço. A exemplo da falta de recipientes apropriados para o descarte dos diversos tipos de resíduos gerados no ambiente; e da deficiência na distribuição de água encanada para todos os feirantes manipuladores de alimentos. Procedimentos como a varrição, cobertura de alimentos para evitar contato com insetos e lavagem dos utensílios de manipulação de alimentos, podem ser percebidas como práticas que convergem para o estabelecimento da saúde pelos feirantes no novo espaço.

Entretanto, passados cerca de seis meses da ocupação do espaço provisório, tempo estimado para o retorno dos feirantes aos seus lugares de origem, as práticas como descarte de resíduos em locais inapropriados e a má utilização dos equipamentos passam a fazer parte da organização do trabalho de alguns feirantes. Isto é atribuído à compreensão por parte dos feirantes de que estas práticas não provocariam riscos ao público ou aos demais companheiros de trabalho.

Os trabalhadores, ao refletirem sobre o ambiente original onde eram desenvolvidas as suas atividades, em comparação ao atual espaço provisório, evidenciam tanto aspectos que se referem às práticas de proteção à saúde, quanto às percepções de saúde no ambiente da feira.

Saúde dentro da feira? Esta é uma parte muito complexa. Porque na verdade, desde que me entendo como gente, aqui dentro da Feira de São Joaquim, pra mim essa área de saúde é muito escassa. Nunca fizeram um trabalho aqui dentro que abrisse ao feirante o que é realmente Saúde. E nunca nós tivemos um posto de Saúde pra atendimento. Então, aqui é tudo precário (JOÃO, 2012).

A ausência de assistência, e proteção da saúde no espaço da feira é recorrentemente associada ao divino, conforme se pode constatar nas falas dos feirantes. Antes, vale lembrar que existem vários estudos que mostram a relação entre deficiência em serviços de saúde e recorrência à credices populares, no Brasil e em outras sociedades. Cita-se como exemplo, o estudo de Barroso e García (2012). *“Devido ao ambiente, nós somos até felizes. A limpeza não era adequada (no antigo espaço) como deveria ser, mas mesmo assim parece que Deus sempre nos amparou”* (ANDRÉ, 2011).

A melhoria nas práticas de organização do trabalho é contatada por uma comerciante, como efeito das novas instalações que ocupam.

Hoje aqui, até que a saúde melhorou bastante. Primeiro, cadê os ratos, *pstiu, pstiu* [sons imitando os ratos], passando por cima dos alimentos? Não tem. Por enquanto está uma beleza. Os vendedores de produtos estragados ficaram lá, não vieram, estão lá ainda. Então, eu acho que a saúde [no espaço sem reforma] é bem precária, pra quem está lá (MARINA, 2012).

A prática do alcoolismo por feirantes, atribuída por estes, apresenta-se no espaço da feira enquanto uma das questões mais importantes das causas dos problemas de saúde ali presentes. A feirante Marina, expessa sobre o alcoolismo e as mulheres feirantes, a ausência de cuidados com a saúde, especificamente com a procura dos serviços de saúde para exames periódicos, como mostra-se abaixo:

A cada 100 mulheres que tem aqui, 70 bebe, usufrui de álcool e fumo. Vamos botar que 20 beba só os fins de semana, 50 é todo dia. Vá, me aponte aí a saúde! Pessoas que têm vida sedentária, e não se liga, não se cuida. Bote uma fila de mulheres, que trabalha na feira, que não fez um check-up. Você sabe, check-up se refere a todo, preventivo, exame de sangue, de urina (MARINA, 2012).

É recorrente nos discursos do poder público, relacionados com as questões de saúde, que a base de suas ações se estabelece a partir da noção expressa na Constituição Brasileira, que considera os determinantes sociais e econômicos como necessários ao entendimento do processo saúde/doença, instituído no Artigo 196 (Brasil, 1988).

Não obstante, esta noção contrasta com a realidade que se apresenta aos olhos de técnicos, feirantes e transeuntes, que utilizam a FSJ. Sobretudo no espaço provisório tomado pelo poder público como de referência às novas práticas de saúde e segurança. O cheiro forte de esgoto que exala em todo o ambiente, sanitários públicos sem condições adequadas de uso, a inadequação dos espaços cedidos aos trabalhadores em relação às atividades exercidas, aliados a não conformidade dos ambientes para manejo dos animais comercializados vivos, compõem características ainda marcantes neste espaço de intervenção.

As contradições que costumam a trama da construção efetiva das condições de saúde ambiental e ocupacional na FSJ, apontam para a necessidade de uma maior apropriação social e política, dos processos que a determinam. Neste sentido, este estudo levanta questões que objetivam contribuir com a problematização acerca de intervenções estatais em territórios informais constituídos e consolidados por vias empíricas.

A requalificação e a saúde na FSJ

O Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim – PRFSJ, proposto pelo Governo do Estado, pode constituir-se numa importante ferramenta para a manutenção e preservação desse patrimônio cultural da cidade, sobretudo, pelo reconhecimento do poder público que, neste sentido, direciona investimentos e pessoal para o incremento de ações que poderão contribuir para o desenvolvimento da atividade feirante. Entretanto, os direcionamentos que conduzem o PRFSJ, até o determinado momento desta pesquisa, incitam esforços para a análise das possíveis ameaças aos objetivos de desenvolvimento referido.

O conjunto das informações levantadas no presente estudo, no período entre 2010-13, contribuiu de modo significativo para a compreensão dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que envolvem o projeto em curso.

Em outubro de 2008, o Ministério Público Estadual, com base na Lei Orgânica Nacional que normatiza suas atividades, propôs uma ação civil pública contra os seguintes órgãos, entidades e instituições: Associação de Carnes e Vísceras da Feira de São Joaquim (Ascarvi), Associação dos Feirantes da Cidade de Salvador (Apfas), Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba), Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (Embasa), Secretaria do Patrimônio da União (SPU), Sindicato do Comércio Varejista dos Feirantes e Ambulantes da Cidade de Salvador (Sindifeira), Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), Secretaria Municipal de Serviços Públicos (Sesp), Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo do Município (Sucom), Superintendência de Urbanização da Capital (Surcap) e Vigilância Sanitária Municipal (Visa/SMS). A principal motivação para esta ação foi a necessidade de cumprimento dos direitos básicos contidos no Código de Defesa do Consumidor, que versam sobre: *“proteção à vida, à saúde e à segurança, contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos”* (BRASIL, 1990)

Sem dúvida, tal ação corroborou para que iniciativas fossem tomadas por esses órgãos e instituições, no sentido de unirem esforços em prol do cumprimento das respectivas responsabilidades, bem como, para que a partir desse momento fossem erigidas as bases do atual PRFSJ. Entretanto, diante do caráter peculiar do referido projeto governamental, assim compreendido por sua abrangência estrutural, faz-se necessário contextualizar o ambiente polissêmico da feira, e as formas de aproximação do Estado, de modo a apreender o que este representa enquanto interventor.

O PRFSJ prevê a atual reforma da feira com investimentos da ordem de R\$ 60 milhões (sessenta milhões de Reais) sendo R\$ 29 milhões (vinte e nove milhões) oriundos da União e R\$ 31 milhões do Governo do Estado. A execução está a cargo da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado - CONDER, responsável pela parte física e estrutural, e da Setur, pela capacitação dos feirantes sobre as condições sanitárias e de empreendedorismo. Para a reforma estão previstas obras de drenagem, instalações hidráulicas, pavimentação, restauração de 275 boxes e substituição de outros 745 por novos (BAHIA, 2010).

A importância do desenvolvimento de projetos voltados à preservação de feiras livres se refere não somente às questões econômicas, mas, sobretudo, à manutenção de uma cultura de mercados públicos. Neste contexto, Pena & Thébaud-Mony (2005) enfatiza sobre a importância histórica da feira popular onde se dá a circulação dos consumidores, o aspecto econômico de compras a baixo preço, as relações sociais de proximidade, valores culturais e afetivos, a busca de informações, além do espaço público de convivência.

A primeira abordagem deste estudo reflete sobre o sentido da utilização política do termo Requalificação, que vem sendo empregado nacionalmente em discursos institucionais de caráter afirmativo, nas intervenções promovidas pelo Estado. Neste sentido, este poderá ser incluído na família de termos como “qualidade de vida”, “reordenamento” e “desenvolvimento sustentável”, que recorrentemente completam discursos generalísticos e aos quais são atribuídas funções finalísticas, conforme análise crítica realizada por Santos (2001) no seguinte contexto:

São termos neoliberais. Matam qualquer discussão. Porque são terminais. São termos utilizados pelos políticos que na hora de implementá-los, não sabem como fazê-lo. Não sabem como fazê-lo porque não querem estudar. Ou não podem estudar (SANTOS, 2001, pag. 8).

Também destaca-se o caráter descontextualizado e reiterado de intervenção, em que representantes do poder público compreendem que grupos sociais, conjuntos arquitetônicos ou de qualquer outra natureza, tenham em outro tempo experienciado ou sofrido qualquer implementação efetiva de qualificação. Todavia, no caso da FSJ, em particular, este estudo não localizou nem nas histórias contadas, nem na pesquisa documental, nenhum indício da implementação de projetos voltados para o desenvolvimento da atividade feirante. Salvo, pequenas ações pontuais, como palestras, distribuição de cartilhas e de equipamentos de proteção individual (EPIs). Neste sentido, parece mais apropriado nomear a experiência em curso, como uma intervenção de qualificação. Tendo em vista, ser ela uma interferência inaugural. E não uma requalificação.

As observações permitiram ainda, o entendimento de que, para os feirantes, o lugar provisório constituía um território de um tempo breve. Um lugar de “ninguém”, em contraposição ao local anterior, onde as noções de propriedade foram historicamente construídas. Na perspectiva do Governo, este espaço garantiria a presença do feirante e programaria as mudanças das concepções higiênicas e de saúde.

Faz-se necessário o esclarecimento de que, quando se fala do PRFSJ, estão sendo abordadas as intervenções de cunho físico-estrutural, pois, até o segundo semestre de 2012, só foram apresentados pela Setur: o projeto de intervenção física, de responsabilidade da Conder; um projeto de intervenção nutricional e gastronômica, proposto pela Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia (Ufba), que, por questões burocráticas de ausência de documentações exigidas pela contratante, Setur, não poderá ser implementado por esta instituição; e uma proposta do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) que visa fomentar o empreendedorismo junto aos feirantes.

Desse modo, como é objetivo deste trabalho compreender o processo desta intervenção, através da perspectiva da saúde ambiental, e diante da ausência de ações especificamente voltadas para este aspecto, no que tange à dimensão humana, foram analisados os elementos que representam a saúde e a segurança contidos no vídeo institucional apresentado pela Secretaria do Turismo aos feirantes, imprensa, autoridades e à comunidade em geral, durante a apresentação oficial do PRFSJ.

Neste vídeo da Setur (BAHIA, 2012a), além da abordagem histórica por meio de depoimentos e documentos, são apresentados alguns enfoques de ordem política, social, econômica e cultural da intervenção em curso. Com base nestes enquadramentos, foram empenhados alguns esforços visando compreender, através dos discursos apresentados no referido vídeo, alguns dos objetivos e motivações que engendram a intervenção.

Como ponto de partida observa-se o entendimento do Estado de como deve ser a divisão e classificação das etapas do PRFSJ:

A primeira, já concluída, abrangeu a construção do novo pátio de carga e descarga, e do espaço de remanejamento dos feirantes, o Galpão Água de Meninos (GAM), que abriga hoje, boxes de comércio grossistas, mercadinhos, restaurantes, lojas e bancas, com cerca de 500 comerciantes transferidos. O momento simbólico desta etapa foi a demolição do muro que separava a feira do novo pátio, tornando-a maior e mais bonita.

A segunda etapa engloba as obras de Requalificação da Enseada, com intervenções urbanísticas, de limpeza e dragagem, abrindo um novo visual para a Baía de Todos os Santos, e um maior fluxo de embarcações. Um novo píer a ser implantado garantirá a atracação de saveiros e escunas, a qualquer

tempo, permitindo a integração da Feira à Rota Náutica da Baía de Todos os Santos.

A Feira propriamente dita, o chamado ‘Miolo’, onde se concentra a maioria dos comerciantes, será objeto da terceira etapa de intervenção, dividida em sete fases. Em cada fase, a previsão é transferir 400 comerciantes, em função da capacidade receptiva do Galpão Água de meninos, destacando-se que esta foi a fórmula compactuada, de fazer a reforma da feira, sem desativá-la.” (BAHIA, 2012a).

É importante ter em conta que a iminência de fechamento da feira, aliada à ausência de recursos próprios para adaptação do ambiente de trabalho às normas sanitárias contribui, sobremaneira, para que os trabalhadores feirantes identificassem na representação do Estado a possibilidade de garantirem a sobrevivência de suas atividades, bem como das suas permanências no espaço de São Joaquim.

Durante a mudança dos primeiros feirantes que ocupavam a enseada (objeto da segunda etapa) para o espaço provisório, foram observados alguns encaminhamentos pelo Estado, no campo administrativo do planejamento, da execução e do controle (CHIAVENATTO, 2004), que convocam a reflexões a respeito da compreensão destes interventores sobre a construção da saúde e da segurança no espaço da feira livre. Neste sentido, duas questões convocam maior atenção, dado seu impacto na atividade feirante.

A primeira diz respeito à constituição da administração do Galpão de Água de Meninos (GAM) pela Empresa Baiana de Alimentos (EBAL), ligada à Secretaria da Indústria e Comércio e Mineração do Governo do Estado, pois a concepção administrativa desta refere-se muito mais às estruturas de mercados fechados do que o espaço polissêmico da FSJ. Uma feira com os seus peculiares vínculos de sociabilidade, que vão desde modos atípicos de organização do trabalho, às mais diversas formas de aproximação com a comunidade; com as suas características construções socioafetivas, que ultrapassam as bases das relações financeiras de negociações entre os feirantes e seus pares, estendendo-se até aos clientes; com as suas particulares formas de organização espacial; múltiplas ofertas de serviços; convivência harmoniosa com a desordem espacial, ambiental e da saúde; além das inúmeras estratégias de divulgação dos seus serviços e produtos; e dos marcantes contrastes de pobreza e fartura.

A outra questão está ligada ao fato do governo instituir como prerrogativa para ocupação do espaço provisório pelos feirantes, a assinatura do Termo de Acordo e Compromisso (TAC) (BAHIA, 2012b). Este termo, que visa estabelecer os limites de direitos e deveres dos feirantes durante o período de utilização do espaço provisório, traz na 6ª

Cláusula determinações de ordem impositiva e de limites de representatividade, que aqui são compreendidas enquanto elementos conflituosos no que se referem aos comprometimentos do poder público, definidos por lei, sobre os processos de representação de interesses dos coletivos.

O caráter impositivo esgota as possibilidades de construções dialógicas entre as partes envolvidas no processo de desenvolvimento da atividade feirante. A esse respeito, é manifestado neste termo que os feirantes devem “*obedecer todas as normas de segurança, higiene, limpeza e vigilância sanitária*”, além de manterem uma “*convivência pacífica com os demais feirantes*” (BAHIA, 2012b, pg 2).

Nessa condução, também observou-se a rejeição dos feirantes em relação aos procedimentos reguladores executados pelos representantes da EBAL na administração do GAM, pois os mesmos se sentem não beneficiados, mas sim, obrigados a mudarem seus *modus operandi* na feira. Assim, é relegada aos feirantes a função exclusiva de submissão.

Quanto aos limites de representatividades dos feirantes, (vale dizer que quem quer que os representem, não o faz em sua totalidade) é importante destacar que o feirante ao assinar o TAC, compromete-se em prestar obediência em relação às normas de utilização do espaço provisório, como também:

Quanto às normas a **serem instituídas** (grifo nosso) através do Plano de Gestão da Feira de São Joaquim, **a ser elaborado** (grifo nosso) pela Setur, com a participação de outros órgãos e entidades da Administração Pública municipal, estadual e federal e com o Sindifeira e a Associação dos feirantes (BAHIA, 2012b).

Tal atitude por parte do poder público significa, no mínimo, uma ação autoritária e arbitrária que, dentre outros impactos, ameaçam a livre organização dos trabalhadores e sinaliza a intenção de deter o poder de controle da “nova feira”. Nomea-se a si e a alguns outros, também representantes oficiais, os detentores das mais apropriadas tecnologias para implantação da saúde e da segurança neste espaço. A despeito de processos de nomeação oficial, pode-se pontuar, conforme Bourdieu (2004), que estes se instituem em “*acto de imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor da violência simbólica legítima*” (BOURDIEU, 2004 pg. 146). Ainda em relação a esse contexto pode-se somar que,

Própria de empreendimentos políticos, a delegação do capital político pressupõe a objetivação desta espécie de capital em instituições permanentes, a sua materialização em “máquinas” políticas, em postos e instrumentos de mobilização e a sua reprodução contínua por mecanismos e estratégias (BOURDIEU, 2004. pg. 194).

A Setur, enquanto gestora do PRFSJ, apresenta através do depoimento do Secretário Domingos Leonelli, contido no vídeo citado, um importante referencial de como esses agentes interpretam sua intervenção neste espaço:

Com a modernização de sua estrutura física, mas preservando suas características, a Feira de São Joaquim, permanecerá agora maior e mais bonita, como referência de cultura, civilização e abastecimento da Cidade do Salvador. Tradições mantidas. Higiene e segurança. Preparada para os cidadãos, na feira o turismo acontecerá (BAHIA, 2012a).

Os referenciais de saúde e segurança na FSJ aparecem no discurso oficial como justificativas para a requalificação do ambiente, pois, as preocupações higienistas assumem novas formas, aquelas do “*bem estar*” do “*se sentir bem*” (SERPA, 2007). Os feirantes, em seus discursos, se referem sistematicamente ao sentimento de insegurança quanto às reais intenções do governo.

Vale dizer que diversos aspectos estéticos e sanitários são tomados como fundamentais nesse referido projeto governamental. A padronização e a ordenação dos boxes seguem a arquitetura de feiras padronizadas e assépticas concebidas como antigos mercados fechados: pequeno espaço interno, pia, prateleiras e balcão de atendimento; a proibição de acesso ao espaço da feira por mendigos e animais de rua como cachorros e gatos; dentre outras.

Dada a convicção do poder público em transformar a FSJ no equipamento turístico, faz-se necessário contextualizar, através de algumas das suas iniciativas em curso, os possíveis impactos na atividade feirante que neste espaço manifesta-se, dentre outras formas, por meio da diversidade e da originalidade.

A nomeação oficial do Sebrae enquanto agente responsável por fomentar, junto aos feirantes, o consenso em torno da importância dos conceitos de “empendedorismo” e “autonomia”, atende aos interesses do Estado em conduzir esses trabalhadores da condição de feirantes informais, para a de empreendedores formais, sob o argumento da importância da regularização dos negócios para os trabalhadores. Tal ação, no entanto, não apenas permite ao Estado tributar a renda desses trabalhadores através de impostos, como pode desencadear uma série de transformações na atividade feirante, com impactos que vão desde mudanças nas bases constitutivas do trabalho informal, até o enfraquecimento ou extinção deste tipo de atividade. Tal investida pode ser melhor compreendida a partir do modo como Milton Santos (2001) caracteriza a relação do Estado frente à informalidade:

Essa luta encarniçada contra o chamado setor informal que eu chamo de circuito inferior, ele é o lugar da liberdade, da inventividade, da originalidade,

é o lugar onde tudo pode estar presente. A racionalidade do chamado setor formal, ela mata o futuro. Então, como é que eu vou estimular essas forças sociais, essa forma de vida interpessoal, sem que isso seja corrompido pela formalidade? Acho que, de novo, são as ideias que podem mudar essa realidade, o que é abominado pelos políticos e administradores. As ideias, os pensadores mais gerais, são chamados para ajudar os candidatos a fazer discursos, mas não para fazer uma política (SANTOS, 2001, pg. 5).

A FSJ, por ocupar um espaço privilegiado à beira da Baía de Todos os Santos, constitui-se num importante objeto de interesses econômicos e políticos que visam a exploração turística deste lugar. Desse modo, há uma vulnerabilidade entre as concepções dos projetos dado às diversas influências de mercado que, não obstante, descaracterizam as ideias originais. Nesse sentido, Ângelo Serpa (2007) compreende que a intervenção em locais públicos, a exemplo dos parques, antes de materializarem e deixarem suas marcas no espaço urbano, é um discurso dos poderes políticos e econômicos e que “trata-se, sobretudo, da vontade política que se manifesta através da intenção de deixar traços para o futuro, de se representar através do tempo” (SERPA, 2007, pg.71).

Por entender a complexidade de uma intervenção em um espaço público como a FSJ, este estudo entende que há um longo caminho ainda a ser percorrido por este PRFSJ, o qual poderia reconhecer as diferenças e o poder contributivo de cada um dos envolvidos. Sobre isso David Harvey (2004) diz:

Deveríamos, todos e cada um de nós, ter o direito de explorar de maneiras criativas a relação com a natureza e as possibilidades transformadoras inerentes da nossa espécie. Isso se traduz no direito de explorar a possibilidade de diferentes combinações de itens de nosso repertório evolutivo – as capacidades de cooperação, de diversificação, de competição, a produção da natureza e das diferentes dimensionalidades do espaço e do tempo. Mas esse direito à livre experimentação (...) tem igualmente de ser equilibrado por meio da introdução de deveres, responsabilidades e educação, com respeito ao outro, seja ele humano ou não-humano, e com toda a certeza tem de proporcionar fortes proteções contra os potenciais poderes de uma elite (ou classe capitalista) não-democrática no sentido de nos obrigar a seguir determinados caminhos tecnológicos, sociais e evolutivos que representem estreitos interesses de classe em vez de interesses humanos em geral (HARVEY, 2004, pg. 330).

Para os milhares de trabalhadores que compartilham desse ambiente, a feira é a casa, o lugar domesticado, um ambiente comum e natural. É um conjunto onde não há peças isoladas. Tudo faz relação entre becos, boxes, comerciantes, animais e consumidores. A ideia de feira é a diversidade.

Considerações finais

Neste estudo foi possível identificar que o Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, ainda que compreendido enquanto ferramenta para a preservação deste patrimônio do Estado, apresenta algumas particularidades que constituem possíveis ameaças à efetiva promoção da saúde e da segurança no espaço da feira. Neste sentido, foi possível entender que os feirantes são considerados, pelo governo, coadjuvantes desses processos.

No deslocamento dos feirantes nos espaços (antigo e novo) ocorrem percepções influenciadas por novas estruturas e equipamentos que dão um sentido de moderno à atividade feirante. Ou seja, o campo antigo e degradado é transformado em um moderno e atrativo, portanto, qualificado. A ação do governo provoca sentidos conflitantes que mexem com a identidade social dos feirantes. De todo modo, pode-se observar, a existência de fortes resistências à ideia do “moderno”, por não corresponderem, de fato, às necessidades demandadas pelos que aí vivem e trabalham.

A escolha da Secretaria do Turismo enquanto gestora do PRFSJ, pelo Governo do Estado, apresenta-se como premissa para identificar que na presente intervenção o eixo principal são as ações pautadas nos interesses políticos e econômicos do Estado em desenvolver o espaço como um equipamento turístico.

O fomento ao “empreendedorismo” e “autonomia”, desenvolvido pelo Estado através do Sebrae, constitui, no ambiente da feira, uma ação que visa conduzir os feirantes informais para a formalidade. A ação, que se apresenta como benéfica para os trabalhadores, pode trazer consigo graves consequências para as suas atividades, ameaçando, inclusive, a sua existência. Estes aspectos exigem para si uma discussão mais aprofundada, que não pôde ser contemplada neste trabalho, devido ao distanciamento do objeto principal do estudo. A saber, a percepção dos feirantes sobre as condições de saúde na Feira de São Joaquim.

A assinatura do TAC de forma impositiva pelo Estado aos feirantes, enquanto prerrogativa para ocupação de novo equipamento no espaço provisório, evidencia um autoritarismo que ameaça a livre organização desses trabalhadores, limitação de suas autonomias, bem como a violência simbólica legítima exercida pelo Estado. Principalmente, no que tange às determinações de cumprimento dos acordos pelos feirantes, estes, ainda a serem elaborados por representantes oficiais que regulamentarão as atividades na “*nova feira*”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.D. **Significados da contaminação alimentar para os feirantes de Santo Amaro – BA**. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) - Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2010.

A TARDE. **Água de meninos num mar de chamas**. Jornal, nº correto da edição:17 435. 8 set. 1964.

BAHIA. Secretaria de Cultura do Estado - Secult. Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – Ipac. **Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim**, 2008.

BAHIA. Secretaria do Turismo do Estado da Bahia - Setur. Feirantes são convidados para última reunião sobre reforma de São Joaquim. mar. 2010. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/2010/03/26/feirantes-sao-convidados-para-ultima-reuniao-sobre-reforma-de-sao-joaquim/>> Acesso:12 mar. 2012.

BAHIA. Secretaria do Turismo do Estado da Bahia - Setur. **Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim**. 2011.

BAHIA. Secretaria do Turismo do Estado da Bahia - Setur. **Termo de Acordo e Compromisso**, 2012b.

BARROSO, ADR; GARCÍA, AMT. Propuesta clasificatoria de un grupo de representaciones de nzahki entre los otomíes de San Pablito, Pahuathán, Puebla. Revista Desacatos, 39: 2012, México.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 194p.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Título VII, da Ordem Social; Capítulo II, da Seguridade Social; Seção II, Da Saúde. Art 196. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/legislacao/arquivo/01_Constituicao.pdf> Acesso:18 dez. 2012.

BRASIL.Lei nº 8.078, dos direitos básicos do consumidor, capítulo iii, de 11 de setembro de 1990. In: <http://www.idec.org.br/consultas/codigo-de-defesa-do-consumidor/capitulo-iii>. Acesso: 25 ago. 2012.

CACCIAMALI, M.C. **Informalização recente do mercado de trabalho brasileiro**. São Paulo: IPE/USP/MT, nov. 1989.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIAVENATTO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004, 634p.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Edições 70. Coleção: Perspectivas do Homem. Tema: Antropologia Ano: 1991.

FAGUNDES, M.E.M. Referências teóricas sobre a informalidade: Uma revisão de literatura. **Força de trabalho e emprego**. Salvador: CIT/CRT. v.8, n.1/2, p.15-8,1991.

FEIRA de São Joaquim. Produção da Secretaria do Turismo do Estado da Bahia, Salvador. 16 mai. 2012. Vídeo, 16'14''.

FREITAS, M.C.S. Uma abordagem fenomenológica da fome. **Revista de Nutrição**, Campinas, v.15, n.1, p.53-69, jan. 2002.

GEERTZ, C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 33-56.

GIL, G.; CAPINAM, C. Agua de meninos. Intérprete: Gilberto Gil. In: LOUVAÇÃO: Universal, 1967. Disco Sonoro.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 382p.

MINNAERT, A.C.S.T., M.C.S. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). **Revista Ciências & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.15, supl.1, p.1607-14, jun. 2010.

PENA, PGL & THÉBAUD-MONY, A. **Transformações organizacionais e inovações técnicas em hipermercados na França e no Brasil**: a emergência do hipercontrole nos espaços de trabalho e consumo. pp. 69-108. In: Trabalho e abordagem pluridisciplinar: estudos Brasil, França e Argentina. Ed. DIEESE e CESIT, São Paulo. 1995.

SANTOS, M. Quem está na frente é o povo: depoimento [janeiro, 2001]. São Paulo: **Caderno Especial “Um Outro Mundo Urbano é Possível”**. Entrevista concedida a Carlos Tibúrcio e Sílvio Caccia Bava. In: <http://www.polis.org.br/uploads/816/816.pdf>. Acesso: 13 abr. 2012.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 19, n. spe., p.95-102, 2007.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SINDFEIRA. Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador. Cadastro de Feirantes. Av. Engenheiro Oscar Pontes 36, edf. Serra Valle, sala 409, Calçada.

TORRES, J. Tombamento da Feira de São Joaquim volta a ser debatido. **Jornal Correio da Bahia.** Bahia, 12 jul. 2006. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2006/07/12/tombamento-da-feira-de-sao-joaquim-volta-a-ser-debatido/>> Acesso:17 nov. 2011.

TRIVELATTO, G.C. **Metodologias de reconhecimento e avaliação qualitativa de riscos ocupacionais.** São Paulo: Fundacentro, 1998.

3. ARTIGO II: BALBINA DE JESUS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INFORMAL FEIRANTE - CONCEPÇÃO, EXECUÇÃO E CUIDADO DE SI

RESUMO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa sobre a produção da massa de mandioca pela trabalhadora de nome Balbina de Jesus, na Feira de São Joaquim, cidade do Salvador, Bahia. A massa é o principal ingrediente do conhecido bolo de aipim, muito comum nessa região. Mais que um evento isolado, a atividade em questão existe a quarenta anos, e está inserida na feira como parte do acervo vivo sobre as estratégias de sobrevivência que se encontram nesse espaço feirence. Com a criação de uma máquina de ralar mandioca, observa-se que inevitavelmente, o esforço humano de um corpo sobre esta máquina, entra no campo da ergonomia para complementar a descrição desde estudo de caso do fazer e ser feirante em São Joaquim. Conclui-se que o uso da máquina traz riscos para a saúde de Balbina; a atividade e outros processos produtivos dos trabalhadores não têm incentivos do Estado; e o processo de Requalificação da FSJ pelo governo, na opinião dos feirantes, não irá contribuir com a melhoria da vida e do trabalho destes.

Palavras Chaves: feira, trabalho informal, etnografia da feira, ergonomia em feira.

SUMMARY

This is a qualitative study about the production of manioc by a worker named Balbina of Jesus, at the São Joaquim's Fair, in the Salvador city, Bahia. The mass is the main ingredient of the cake of cassava, very common in this region. More than an isolated event, the activity in question exist about forty years, and is inserted at the fair as part of the alive collection on the survival strategies that are in this space of the people from the fair. With the criation of a cassava grating machine, it is observed that inevitably, human effort of a body on this machine enter the field of ergonomics to complement the description of this case study about to do and to be marketer in São Joaquim's fair. We conclude that the use of the machine brings health risks to Balbina; the activity and other processes of workers have no incentive of the state and the process of Redevelopment of FSJ from the government, in the opinion of the marketer, will not contribute to improve the life and work of those.

Key Words: fair, informal work, ethnography of the fair, ergonomics in the fair.

Introdução

Antes de vir pra feira eu morava no interior, trabalhava na cozinha “do branco” (com menos de 12 anos), depois descobri que tinha uma irmã em Salvador, vim procurar ela. Fiquei com ela (...). O marido dela querendo me seduzir, eu larguei ela e fui trabalhar com um “coroa” que tinha idade de ser meu pai. Muita “cantiga” e eu acabei “caindo”, eu tinha quatorze anos. Eu na minha inocência, tabaroa, chegada do interior sem experiência, caí naquele

conto. A primeira coisa que me apareceu foi uma filha. Tenho uma filha de 43 anos (BALBINA).

Este estudo apresenta as condições de vida e trabalho de uma feirante, raladora da raiz de mandioca na Feira de São Joaquim, cidade do Salvador, Bahia. Antes de revelar sobre sua vida, seu trabalho e a correspondência desse tipo de atividade com a Análise Ergonômica do Trabalho (AET), faz-se necessário um breve histórico sobre a concepção de feira enquanto lugar de comercializar alimentos e outros objetos da vida cotidiana.

Surgiram as feiras na Europa do século IX com o objetivo de suprir as populações dos aglomerados urbanos, de gêneros de primeira necessidade (PIRENNE, 1936), constituindo-se como um espaço onde:

Agregavam-se pequenos comerciantes, mercadores diversos, camponeses, artífices, mendigos, simples transeuntes, que ocupavam o espaço público, geralmente no centro das cidades ou nos seus bairros mais movimentados que muitas vezes se confundiam com a formação das próprias cidades (PENA, 2005: pg.74).

A importância sociocultural e econômica desses espaços, ao longo do tempo, está na constituição de inúmeras atividades de trabalho. E para a preservação deste tipo de patrimônio social e humano é necessário estabelecer uma visão sistemática e crítica sobre o feirante e suas atividades, tendo em vista que nestas são empreendidas questões físicas, cognitivas e psíquicas do trabalho que refletem a saúde desses trabalhadores. Nesse sentido, é objetivo deste artigo apresentar o trabalho de ralação de mandioca a partir das concepções de uma feirante, Balbina de Jesus, há mais de 30 anos atuando na Feira de São Joaquim - FSJ, e a partir daí, refletir sobre a importância da AET para a saúde dos feirantes. Sobre este assunto, o estudo se apoia em autores desta área do conhecimento, como: Guérin et al (2004), Schwartz (2007), Clot (2001), entre outros.

Especificamente, descreve-se cuidadosamente um tipo de atividade que demanda mais de dez horas por dia, um exercício físico e mental do trabalhador, que resulta num esforço intenso dos braços, postura e atenção permanente sobre o funcionamento de uma máquina raladora de mandioca. Atividade exercida há mais de seis anos por Balbina, criadora desta ferramenta artesanal que utiliza cotidianamente.

Metodologia

A atividade de ralar mandioca desenvolvida por Balbina no ambiente da FSJ constitui o foco principal dos resultados aqui apresentados. Neste estudo de caso, a observação

participante, registros em de campo, as entrevistas e a análise ergonômica da atividade realizada, que permitiram inclusive a aproximação com a história de vida dessa trabalhadora, compõem o conjunto de ferramentas que compõe a base metodológica e instrumental do desenvolvimento dessa pesquisa.

Além delas, o contato com a teoria compreensiva, desenvolvida por Geertz (1989), Freitas (2011) e Minayo (2008), e com trabalhos como a Arte de Contar, de Souza (2006), e Lembranças de Velhos, de Bosi (1994), contribuiu significativamente para o alcance dos objetivos deste estudo. Destaca-se a importância da AET, que corroborou sobremaneira para um exame detalhado dos processos organizacionais e relacionais, além de possibilitar uma melhor apreensão do contexto estudado, visando contribuir para o desenvolvimento do campo da saúde do trabalhador feirante e informal.

Durante oito meses foram realizadas observações, registros, e uma série de entrevistas em profundidade com Balbina e outros trabalhadores que compartilham da atividade de ralar mandioca. Contudo, elegeu-se esta mulher como objeto principal, para uma descrição mais densa deste fenômeno, por perceber em seus discursos significados mais contundentes sobre o contexto e seu trabalho. Para a análise minudente da sua ocupação foi fundamental a aproximação com os fragmentos da sua história de vida, sobretudo, a vida laboral. A partir da observação e do registro de imagens do cotidiano constatou-se o esforço físico empreendido por esta mulher e os passos que organizam sua atividade, na máquina raladora de mandioca.

Feira de São Joaquim - FSJ

Antes mesmo de descrever a atividade de ralação da mandioca por Balbina, considera-se necessário apresentar a feira e a organização do trabalho feirante, em que se destacam saberes e outros dilemas de ordem política, social, legal e econômica, além do pertencimento à informalidade. Também, destaca-se a análise da atividade feirante enquanto um objeto da AET, com seu processo de desenvolvimento e as influências culturais.

A Feira de São Joaquim nasce na década de 1920, com o nome de Feira do Sete, por ocupar a frente do sétimo galpão da Companhia das Docas do Estado da Bahia (CODEBA), onde se iniciou o processo de relação conturbada com os poderes públicos, inaugurado com o primeiro deslocamento desta feira para um local denominado de Bacia de Água de Meninos.

Entretanto, questões de saúde e segurança foram as razões apontadas pelo poder público para tentar extinguir as atividades desta feira. Em setembro de 1964, ocorreu a maior investida, atribuída pelos feirantes aos militares golpistas, para a sua total extinção: a feira foi

tragicamente vitimada por dois incêndios seguidos, que a destruíram completamente, conforme relatos dos antigos trabalhadores.

É neste momento de conflito que ocorre o mais representativo enfrentamento entre o sindicato organizado pela união dos feirantes (para a garantia dos direitos ao exercício de suas atividades), e o poder público. Os feirantes, através das suas lideranças sindicais, reivindicam um novo espaço para a continuidade das suas atividades. Nesse mesmo ano (1964), o Governo do Estado concede o direito de uso de um terreno da União, na Enseada de São Joaquim, a aproximadamente 300 metros da antiga feira. A concessão dada em caráter provisório teria a duração de 31 anos. Mas, na prática, a FSJ se estabeleceu, configurando-se como uma conquista efetiva dos feirantes. Segundo relato dos feirantes, em todo esse tempo, não houve qualquer auxílio do Estado. Passados mais de 40 anos, o governo finalmente apresenta um projeto de requalificação para a Feira de São Joaquim.

Souza (2011), em seu estudo sociológico sobre as teias que envolvem a sobrevivência da Feira de São Joaquim, identifica que:

As formações sociais sempre têm a percepção da possibilidade de seu desaparecimento, identificado como o caos e a desordem. Em contextos de crise, ou ante ameaças, suas forças se mobilizam no sentido de impulsionar modos de recriação e renovação, flexibilização, barganhando ou negociando – como estratégias de sobrevivência (SOUZA, 2011).

Nesse sentido, entende-se que as atividades desses feirantes têm como referência duas grandes situações: a necessidade de reconstrução de antigas e precárias instalações e, por outro lado, dar conta do seu desenvolvimento humano para a superação das dificuldades econômicas, sociais e ocupacionais vivenciadas.

Para a análise do atual estado da FSJ, apresentam-se dados contextuais acerca deste peculiar local de comercialização. Vale ressaltar que atualmente, com uma estrutura de 36.595 m² e 3.065 feirantes cadastrados, divididos entre 2.165 em boxes e 906 em bancas, esta é a maior feira da cidade do Salvador. Recebe um público diário estimado em mais de 10.000 pessoas, entre compradores e visitantes (IPAC, 2008), e, conforme relatos de representantes do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador – Sindifeira, há ainda centenas de trabalhadores não cadastrados.

Em vias da conclusão do seu processo de tombamento, enquanto Patrimônio Cultural Imaterial (MC, 2007), a FSJ é considerada berço de inúmeras manifestações culturais, de expressões artísticas, comidas típicas e produtos diversos. Representando o principal centro de comercialização do artesanato produzido no Recôncavo Baiano, além de animais vivos,

hortifrutis e artigos utilizados nos rituais das religiões de matriz africana da cidade de Salvador.

Entretanto, ao considerar os aspectos sanitários, observam-se valores da cultura que parecem negligenciar a saúde ambiental conforme os ditames da vigilância sanitária. Tudo parece sujo, feio e de mau cheiro. Veem-se restos de pescados, vísceras expostas, moscas sobre os alimentos etc. No chão, quase sempre enlameado, encontram-se verduras, legumes, animais vivos e abatidos. Em meio às atividades comerciais estão crianças (filhos e netos dos comerciantes), cachorros, gatos, ratos e o lixo que se acumula inevitavelmente no cenário feirante. Observam-se precárias condições no acondicionamento e na manipulação das mercadorias, numa clara demonstração de insegurança alimentar. Nem sempre há sanitários, quase sempre são adaptações nos fundos das pequenas barracas.

Estas e outras observações sobre riscos de contaminação ambiental e para a saúde dos trabalhadores e consumidores da feira confirmam a necessidade de um novo *modus operandi*, capaz de apresentar melhorias efetivas no ambiente. Diante da ameaça de fechamento da feira por insalubridade pelo Ministério Público Estadual, o Governo do Estado apresentou como solução para o quadro acima relatado, o Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim - PRFSJ, em execução pela Secretaria Estadual do Turismo.

A relevância do desenvolvimento de iniciativas voltadas à preservação de feiras livres, diz respeito não apenas às questões sócioeconômicas, mas, sobretudo, aos processos que envolvem a cultura de mercados públicos. Neste contexto, Pena & Thébaud-Mony (2005) chamam a atenção para a significância histórica da feira popular, onde se dá a circulação dos consumidores, o aspecto econômico de compras a baixo preço, as relações sociais de proximidade e a permanência de valores culturais e afetivos.

Do mesmo modo, a eficácia de projetos desta ordem depende das conexões entre o planejamento oficial e as reais necessidades dos beneficiários. Para valorizar a experiência desses trabalhadores feirantes é preciso observar as diversas atividades consonantes a este tipo de comércio, entendendo sua historicidade, a cultura e as estratégias de sobrevivência para a produção e venda de mercadorias, na sua grande maioria, processadas de modo semiartesanal. Um projeto governamental de requalificação desta feira deveria, portanto, preocupar-se com os aspectos para além dos estéticos e sanitários. Ver mais profundamente cada experiência singular desses feirantes. Nessa perspectiva, este artigo apresenta uma situação específica, como um estudo de caso no interior da FSJ, que tem a ver com riscos para a saúde pública e do trabalhador. Vale dizer, que se considera risco à saúde a “condição ou o conjunto de

circunstâncias que tem o potencial de causar um efeito adverso, que pode ser: morte, lesões, doenças ou danos à saúde, à propriedade ou ao meio ambiente” (TRIVELATO, 1998).

No campo da Ergologia, Schwartz (1999), propõe um modelo de compreensão do trabalho considerando três polos de análise. O primeiro comporta distintos materiais para o conhecimento feirante, tais como, a distinção entre atividade prescrita e real, que no ambiente da feira possui uma construção diferenciada do mercado de trabalho formal; a noção de mercado diante das limitações de escolarização; o corpo humano e o cuidado com o trabalho; práticas linguísticas e dificuldades de comunicação, pois nem sempre há palavras em suficiência para expressar os argumentos. O segundo diz respeito aos saberes gerados nas atividades: a experiência. O terceiro é a aprendizagem proporcionada no convívio com o outro, o semelhante. Na FSJ se observam fenômenos correspondentes aos mencionados por este autor, como será demonstrado no desenvolver deste trabalho.

Trabalho informal feirante, empreendedorismo e construção de saberes

A ação ergonômica, enquanto objeto da transformação do trabalho, se dá por meio da interação entre as lógicas do social e da produção. Trata-se, portanto, de uma abordagem que vislumbra situações de trabalho que não alterem a saúde dos operadores no exercício de suas competências, seja no plano individual ou coletivo, valorizando suas capacidades, além de proporcionar o alcance dos objetivos econômicos (Guérin, et al., 2004).

A atividade feirante, em geral, é considerada intensiva, com tecnologias pouco sofisticadas, vínculos de trabalho precários, dirigida às camadas médias e populares da sociedade (Santos, 2004). A feira possui peculiaridades próprias da atividade informal, com distintas formas de produção no campo da compreensão do trabalho feirante. Os conhecimentos da AET aplicados à atividade feirante podem denunciar diversas situações de ordem cultural, social, econômica e humana, conforme serão apresentadas neste estudo. A dinâmica da FSJ gera inclusão e exclusão de trabalhadores. Esta dinâmica impõe a estes trabalhadores o empenho de esforços visando à manutenção do seu comércio, da sua sobrevivência e de sua família.

A FSJ se constituiu em um referencial culturalmente estabelecido para a população mais carente da cidade do Salvador, Região Metropolitana e Recôncavo Baiano, enquanto local de troca de força de trabalho por alimentos ou pequenas remunerações, ofertadas por pequenos e médios comerciantes. Desse modo, observam-se trabalhadores de distintas camadas sociais, dos mais pobres aos níveis médios de renda e trabalho, conformando um cenário de

movimento diário na garantia da sobrevivência. Contudo, na complexidade destas atividades, também se inscrevem exclusão e estigma, pois, como a FSJ é mais valorizada pelas camadas mais baixas da sociedade, há sempre o receio dos feirantes de que, eventuais mudanças neste cenário possam representar ameaças aos seus postos de trabalho, diante da percepção de desvalorização com que os setores da economia formal os veem.

Nesse sentido, observa-se que os trabalhadores se especializam e cooperam entre si num claro propósito de pertencimento e identidade do território de produção, tanto individual quanto coletivo. Este movimento pode ser compreendido como autonomia e automobilização do indivíduo, conforme estudo de Zarifian (2001), ao definir competência, iniciativa e responsabilidade do indivíduo diante de situações laborais. Estas, na feira em estudo, foram registradas como estratégias de produção e acordos entre os parceiros.

Nesta perspectiva, vale destacar as negociações com fregueses e fornecedores, a busca por melhor apresentação do produto final, as parcerias com trabalhadores de outras atividades, a compreensão da atividade do outro, enquanto referencial para o melhor desenvolvimento de seu trabalho, dentre tantas abordagens reconhecidas como saber-fazer e saber-ser feirante.

Saber-fazer é concernente ao domínio das ferramentas, ao funcionamento das máquinas, procedimentos ordinários ou extraordinários, respostas a demandas particulares dos usuários e aos métodos em contextos bem específicos (Assunção, 2003). Saber-ser recobre o conjunto de comportamentos de adaptação, relações com o outro, os contornos variáveis das demandas apresentadas pelas condições de trabalho flutuantes e a relação com os diferentes usuários e clientes que demandam serviços (Minet, 1995).

Ambos os saberes se entrecruzam na habilidade, em que a cognição ambiental abarca percepção, memória, atitudes e preferências humanas, além de outros fatores psicossociais. Nesse aspecto, os espaços de referências são organizados e decodificados para serem incorporados à memória e às estruturas de representação (Serpa, 2007). Por esta razão, os pequenos espaços de cada comerciante da FSJ se mantêm, constituindo-se em referências de vizinhança e freguesias.

Característica da atividade informal feirante, a autonomia é, sem dúvida, um dos mais significativos objetos deste estudo, principalmente no que tange à compreensão laboral desenvolvida por eles mesmos: concepção da atividade, execução, e cuidado de si. A concepção da atividade aqui analisada não se refere somente ao indubitável poder criativo destes trabalhadores, que em meio às demandas caóticas da informalidade feirante, desenvolvem estratégias de superação e reinventam outras, mas, sobretudo, há uma

compreensão do outro, enquanto colaborador do seu desenvolvimento. Mesmo diante dos inevitáveis conflitos.

Para a análise da execução da atividade, se faz necessário ter em conta a noção de gestão e questionar o modo como o trabalhador feirante consegue dar conta de uma heterogeneidade de aspectos relacionados à construção do seu trabalho. Ou seja, como consegue gerenciar: as demandas específicas do ofício, que se apresentam em meio à busca dos objetivos da atividade; as interfaces montante, jusante e laterais; a concepção dos orçamentos e dos tempos, dos indicadores econômicos de desempenho e das relações humanas e sociais (Schwartz, 2004). Cada detalhe do conjunto de objetos que formam suas atividades são inscrições da cultura da feira, que se apoiam na rotina, na experiência e memória viva de um cotidiano que sempre se renova. Desse modo, cuidam-se de si, no sentido de minimizarem impactos à saúde.

O trabalho informal feirante reúne um conjunto de atividades que são desenvolvidas em sua maioria de modo empírico, constituídas a partir da relação com o ambiente, trabalhadores, sociedade, demandas sociais, culturais, políticas e econômicas, tanto no âmbito particular quanto no coletivo das representações das atividades.

Para melhor detalhar esse desenvolvimento na FSJ, e inspirado no dispositivo de três polos propostos por Schwartz (1999), propõe-se aqui, um modelo de análise do trabalho informal feirante através de uma abordagem denominada de Redes Co-labor-ativas Inclusivas da Atividade Feirante Informal. Estas redes são constituídas a partir da premissa de que na feira a co-labor-ação é o principal instrumento para conceber, implementar e desenvolver atividades capazes de garantir a sobrevivência dos indivíduos através da preservação dos coletivos.

Observa-se que na FSJ estas redes co-labor-ativas se apresentam de diferentes formas e estágios, mantendo um ciclo orgânico retroalimentado por três bases, a co-inclusão, a co-educação e a co-operação. A inclusão de membros da comunidade, as aprendizagens, as relações familiares, comerciais e a cooperação são representações marcantes do cotidiano da FSJ, no que concerne à esfera econômica, cultural, social, política e humana. Desses pressupostos, descreve-se a seguir as observações do caso em estudo.

O trabalho de ralação de mandioca e seu contexto – uma descrição etnográfica

No interior desta feira, entre as ruelas longas e estreitas, surge uma pequena canaleta por onde escorre a água da limpeza de alguns boxes e da chuva. Bem junto desta canaleta e sobre

um chão escorregadio e recoberto por uma camada fina de lama, encontra-se a máquina de ralar mandioca construída por Balbina (figura 01). Mantida acorrentada ao lado de uma pequena barraca de 4m², este equipamento de ferro e alumínio, em formato de trapézio, tem na lateral direita superior uma bandeja de entrada e na esquerda um saco transparente acoplado à um balde receptor do produto final: a massa de mandioca. O principal componente deste equipamento é o cilindro de ralação. Uma peça formada por cerdas pontiagudas de metal que através do processo de rotação acelerada possibilitam a ralação da mandioca.



FIGURA 04



FIGURA 05

“Essa máquina é meu pai, minha mãe”, diz Balbina, ao terminar sua demonstração de ralar mandioca na máquina. Depois, lava tudo enquanto conversa sobre sua experiência. Descansa uns dez minutos e reinicia sua tarefa de ralação das raízes da mandioca descascadas, limpas e selecionadas. Estas ficam dispostas longitudinalmente e enfileiradas sobre a bandeja de entrada da máquina, que, ao ser acionada dá início ao processo de ralação e produção da massa.

O motor da máquina produz um intenso ruído, ao qual Balbina diz estar acostumada. Ela não usa qualquer equipamento de proteção auricular. Durante a tarefa, que lhe exige agilidade e sincronicidade na disposição das raízes de mandioca na bandeja, são lançadas pequenas porções de massa sobre a sua face, e ainda assim, nenhum tipo de proteção ocular é utilizado por ela. Apenas uma tábua, sustentada por uma das mãos, é usada como escudo. A outra mão alterna entre a retirada de raízes lavadas de dentro do barril e a colocação destas na

bandeja da máquina, pressionando-as para o cilindro. Tudo é rápido e tenso. Toda a atenção é necessária no sentido de evitar a ocorrência de acidentes. Mas o risco é evidente. As cicatrizes de mutilações dos seus dedos evidenciam o perigo da atividade.

A agilidade demonstrada por Balbina é capaz de impressionar tanto aos parceiros de feira, quanto aos visitantes, compradores habituais, transeuntes, que não escondem a curiosidade de saber sobre esta atividade de ruído perturbador. Com um olhar atento ao conjunto de tarefas que compõem a ralação, Balbina promove nos espectadores momentos de aflição, ao demonstrar a funcionalidade da máquina ao mesmo tempo em que cumprimenta amigos e negocia com fregueses.

A observação dos detalhes permite registrar as peculiaridades do método empregado por Balbina antes de ligar a máquina. Ela verifica o interruptor que fica ao lado do equipamento, na altura da sua cabeça, a limpeza e as posições dos objetos (balde, saco plástico, barril com as raízes mergulhadas em água e bandeja). A segunda fase de ralação é composta por um período prolongado, compreendido entre o acionamento da máquina e o total enchimento do balde com a massa ralada. Após a observação de 20 minutos de trabalho, são perceptíveis os sinais de desconforto e fadiga. Provocados pela postura de semiflexão do tronco para empurrar a mandioca contra o cilindro, com uma demanda de força na região paravertebral do dorso. Este esforço é atenuado com o descanso das pernas, por meio de sua alternância, e da retomada da posição ereta do seu tronco, a cada parada por cerca de 10 minutos.

Ao final do processo, braços e mãos ficam recobertos de resíduos de massa processada. Ela retira o excesso de mandioca da tábua e lança sobre a bandeja de entrada das raízes. Recolhe o saco acoplado com a massa ralada e com um olhar orgulhosamente dadivoso, reafirma “essa máquina é meu tudo. Deus me abençoou quando eu criei essa jeringonça. Olhe pra aqui, fininha”, diz ela, ao referir-se à qualidade da massa. “A melhor da feira”, complementa um freguês.

Raiz por raiz, Balbina retoma a tarefa de ralação da mandioca, mesmo evidenciando visíveis sinais de exaustão. Por vezes alonga o corpo, sacode os braços, interrompe a ralação e para. De maneira, extraordinariamente envolvida, parece animada e atende aos fregueses. E tudo recomeça outra vez.

Balbina criou essa máquina a partir da junção de um motor para processamento de mandioca e um cilindro ralador, que encomendou na cidade de Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Todos os demais itens que compõem o equipamento foram adaptados por ela: a estrutura de ferro que constitui o esqueleto do instrumento, bem como as madeiras, as folhas de alumínio que revestem a estrutura e a bandeja de entrada.

A construção desse equipamento nasceu a partir da necessidade de produzir a massa da mandioca, de maneira mais rápida e menos desgastante. Produto muito procurado na culinária nordestina, matéria-prima para bolos e outras iguarias, antes produzida manualmente, há muito, garante o seu sustento. “Eu aprendi a desenvolver isso com cara, coragem e força de vontade, porque quem não tem estudo tem que ir à luta, tem que descobrir de onde vai ganhar o pão de cada dia”, conta a mulher de quase 60 anos, mãe de duas filhas, enquanto ensaca a massa em pequenos volumes de um quilo.

Ao relatar fragmentos de sua história de vida, relembra que sofreu discriminações durante a juventude, quando estava só, com uma filha para criar e sem qualquer estudo. Teve que trabalhar em várias atividades dentro do ambiente da feira. *“Pra mim não tinha tempo ruim, já descarreguei caminhão, vendi montinho, carreguei balaio, fiz de tudo um pouco aqui na feira. Só não aprendi a me prostituir e a roubar, porque isso eu não procurei aprender”*.

Este trabalho não se propõe a estudar a compreensão de gênero no trabalho da FSJ. Nem mesmo a representação política das mulheres e seus processos em relação aos homens da feira. Mas, investigar as condições de trabalho de uma mulher e sua experiência de viver como feirante num contexto de dominação masculina. Sobre isso, ela se orgulha de sua inserção na feira onde se sente igual aos homens. E em seu discurso se observa o sentido de força moral em manter-se no mundo circundante da feira, onde identifica problemas e age de modo prático e objetivo para garantir sua sobrevivência, como aparece em vários momentos deste estudo.

Sobre a situação de negociação com os homens no ambiente da feira, quando da sua chegada a este espaço, Balbina reflete como utilizou de estratégias para inserir-se e manter-se, diante de um ambiente hostil, normatizado por regras masculinas. A exemplo disso, relembra a pressão sofrida através da sobrecarga de trabalho a ela imposta, como meio de coerção à desistência da atividade.

Eles diziam: “oh mulher, você é mulher, isso aqui é trabalho de homem”. Aí eu dizia “eu não estou pedindo nada, eu só quero trabalhar, tenho minha filha pra dar comida e não estou pedindo nada”. Eles diziam assim “essa mulher é mulher homem, bota essa miserável para cima do caminhão pra ela pegar sozinha que ela desiste logo”. Então eles ficavam de formiguinha (enfileirados ao lado do caminhão para a descarga) e eu em cima. Naquela época eu tinha uma força que eu não sei, era carregado (os sacos com mercadoria) por Deus. As vezes eu pegava de dois [...] e jogava nas costas deles, um atrás do outro... Aí na hora de dividir eles queriam me dar *merreca*... Eu dizia que quem trabalhou mais fui eu, aí era um pau pra quebrar, mas acabava dividindo meio a meio (BALBINA).

Com o passar do tempo e a soma dos seus esforços, Balbina chegou a ser proprietária de três miniboxes na FSJ, quando vendia flores de artesanato, uma “*grande paixão e frustração*”, pois, não conseguiu sobreviver só com a arte. As somas de diversas dificuldades de ordem familiar e econômica leva a perder tudo o que havia conquistado. A ralação de mandioca representou a retomada da trajetória de Balbina, na garantia da sua sobrevivência enquanto feirante e do sustento da sua família. Inclusive, ressignificando as suas noções comerciais. “Meu fraco é artesanato, mas não tenho tempo, porque artesã faz e tem que esperar o tempo de vender pra poder comer. Eu descobri que na massa, no material pra bolo, todo dia eu vendo”.

“Aqui ninguém se importa com a gente”, diz Balbina, referindo-se às condições precárias da FSJ, o descaso do poder público e das autoridades. Em tom de indignação, salienta a insalubridade no ambiente da feira. “Quando chego em casa, lavo meus pés com limão e queimo com álcool. Você sabe, que a gente pega as coisas até pelo cheiro”, destaca. O seu espaço de trabalho é um lugar negligenciado pelo poder público e todo seu esforço em manter seu pequeno comércio limpo, não resulta em salubridade, pois, esta depende de estruturas maiores, como saneamento básico e coleta de lixo permanente.

Numa demonstração de cuidado com sua atividade, no que tange ao estabelecimento das relações de afetividade com seus clientes, esta mulher semianalfabeta, e com uma marca de ter sido abandonada aos 12 anos de idade na feira, oferece a todos as suas receitas de bolos, além de acolher seus fregueses com calorosas conversas de feira, onde tudo é história e risos.

Sendo ela portadora de diabetes e ao saber que esta doença pode provocar retinopatia e levá-la à cegueira, diz “se algum dia me faltar a visão então eu passo no teste, porque só preciso da mão e do tato para trabalhar na minha máquina”. De maneira surpreendente, e implicada com o seu trabalho, ela inicia o mais extraordinário uso de si, com toda a sua dramática existencial, apresentando a possibilidade de realização da sua atividade ainda que acometida por uma limitação visual. Numa clara exibição da fusão entre a necessidade do cumprimento da tarefa e a perícia para realizá-la, ela liga o equipamento, em seguida, de olhos cerrados, elabora corporalmente a melhor forma de aproximação do cilindro motorizado, iniciando uma manobra dotada de elevado potencial de risco e capaz de provocar aflição nos espectadores da cena. “Repare, vou fazer essa base aqui oh”, diz ela, mostrando o tamanho da raiz em relação à distância do cilindro. Em seguida, durante aproximadamente um minuto e meio, opera a máquina com os olhos fechados. “De olho fechado, eu já sei até quando posso levar a mão e quando eu posso parar”.

Essa ação, cuidadosamente registrada em vídeo, constitui-se em um dos mais expressivos registros deste estudo, dentre as mais de 10 horas de imagens captadas.

A ralação de mandioca: desvelando a tarefa e construindo a atividade

A atividade de ralação mecânica de mandioca é uma das inúmeras na FSJ. A escolha desta como objeto de análise se deu em virtude do conjunto de elementos que a constituem, do seu caráter inaugural e da representatividade da trabalhadora feirante frente a esta atividade. Inúmeros aspectos e peculiaridades desta atividade possibilitam a sua observação sob a luz dos conhecimentos da AET.

Como ponto de partida, algumas questões que se apresentam ao campo da AET norteiam o estudo: como se constrói e se estabelece no trabalho informal feirante esta atividade e, de que forma seria possível promover a redução de danos à saúde da operadora?

Sobre isso é necessário esclarecer a compreensão sobre tarefa enquanto prescrições impostas ao operador por empresas, e que por ser exterior determina e constrange. Por sua vez, a atividade de trabalho é concebida como estratégia de regulação construída pelo operador entre o que é prescrito e o que é real no trabalho (CLOT, 2004).

O trabalho informal feirante, por ter em sua base constitutiva o empirismo, possui a peculiar estrutura de autonomia e, no caso específico desta atividade na FSJ, se encontra à margem de marcos regulatórios. É importante compreender que a relação tarefa, atividade e saúde se estabelece a partir da organização pelos próprios operadores com as inúmeras restrições que exige a reinvenção todo o tempo. Nessa acepção, é fundamental ter em conta que “todas as atividades, inclusive o trabalho, têm pelo menos três aspectos: físico, cognitivo e psíquico. Cada um deles pode determinar uma sobrecarga” (WISNER, 1997).

Todo indivíduo chega ao trabalho com seu capital genético, remontando o conjunto de sua história patológica a antes do nascimento, à sua existência *in útero*, e com as marcas acumuladas das agressões físicas e mentais sofridas na vida. Ele traz também seu modo de vida, seus costumes pessoais e étnicos, seus aprendizados. Tudo pesa no custo pessoal da situação de trabalho em que é colocado (WISNER, 1997, pag. 19).

Alinhado a esse contexto do trabalho, Balbina em sua prática laboral remonta sua história de vida. Antes, vale dizer que, a busca por construções que sustentam o significado do termo tarefa possibilita compreender, as demandas e percepções de impacto à saúde sentidas por Balbina. As ações abaixo especificadas foram escolhidas por fazerem parte da partitura da

ação de ralar mandioca. Os demais produtos comercializados por Balbina, originais de outros produtores, serão apresentados na tarefa de vendas.

Desse modo, o caso de Balbina mostra que são tomadas como tarefas, a abertura e a preparação do estabelecimento comercial; a compra das raízes; o descasque e a lavagem destas; a ralação da mandioca e a venda dos produtos. A seguir mostram-se os passos dessas tarefas e atividades do cotidiano laboral empreendido por Balbina.

Abertura e preparação do estabelecimento comercial

Ao chegar à feira, por volta das cinco horas da manhã, Balbina, acompanhada de seu sobrinho que é também seu funcionário, inicia a abertura do seu estabelecimento comercial, retirando lonas, cordas, correntes e cadeados utilizados para a garantia da segurança do equipamento. Baldes de água são carregados para dar início à limpeza do espaço interno da banca, do balcão, da máquina, dos demais instrumentos usados na ralação e da área do entorno. Na sequência, ela efetua a arrumação dos produtos que restaram do dia anterior e outros adquiridos para revender como a farinha de puba e a carimã (também derivados de mandioca).

Compra das raízes

A compra das raízes é o momento chave, pois diz respeito à escolha da matéria-prima para sua produção. Balbina segue um percurso de aproximadamente quinhentos metros entre sua banca e o fundo da feira, percorrendo um verdadeiro labirinto formado pelos inúmeros becos e passagens no emaranhado da feira. Em seguida, inicia a negociação com cada um dos fornecedores de mandioca em seus caminhões. É parte da negociação a vistoria da mercadoria, através da quebra de algumas raízes, e ajuste do preço. Balbina necessariamente passa por todos os fornecedores do dia (em geral, são cinco): “De manhã cedo eu passo, mas não pego logo. Olho o movimento, as mercadorias, se está podre, apreço em um, em outro. Um dia compro num caminhão, um dia no outro, pra eles não botarem banca”.

Sobre esta estratégia, Balbina afirma que em períodos de escassez, os fornecedores tendem a aumentar os valores das mercadorias e que, com a compra sistemática com todos eles, cada dia com um, ela garante menores preços em períodos de crise.

Descasque e lavagem das raízes

Para o processo de descasque e lavagem das raízes, Balbina conta com o trabalho terceirizado de mulheres que disponibilizam a sua força de trabalho na feira. O número de contratadas varia de acordo com a quantidade de sacos de mandioca a serem descascados. Esta é uma das partes mais críticas do seu negócio, no que diz respeito às demandas psicoafetivas, por conta de o pagamento estar atrelado à quantidade de sacos descascados. Em virtude disso, e da existência de um fluxo maior de venda pela manhã, o que impõe a necessidade de que as raízes sejam descascadas com maior rapidez, Balbina precisa gerir este processo através da contratação de mais mulheres. Esta ação adotada por ela provoca insatisfação nas mulheres que já executavam a atividade, pois a estas se inflige o imperativo de redimensionamento das suas expectativas de ganho, tendo que repartir as unidades de raízes.

A esse fenômeno atribui-se a compreensão de que fazendo escolhas engajamos outros trabalhadores, que por sua vez, remetem a estatutos diversos. Por isto, em geral, não há um trabalhador isolado, pois, outros estão lá através da preparação do trabalho, da prescrição e da avaliação (SHWARTZ, 2007).

A ralação da mandioca

O processo de ralação é iniciado com a troca da água do barril onde as raízes descascadas são acondicionadas. O processo de imersão na água possibilita tanto a limpeza das raízes, permitindo a visualização de falhas no descasque, que são corrigidas por Balbina, quanto o amolecimento das mesmas para o seu processamento. Em seguida, as raízes vão sendo colocadas na bandeja de entrada da máquina e inicia-se o procedimento de manuseio da máquina, atividade que demanda da operadora uma carga de atenção, força e destreza. Em simultâneo a tudo isso, Balbina concilia e articula ações de ordem social, administrativa e profissional.

Venda da massa ralada

Para o processo de venda da massa, Balbina executa as seguintes tarefas: preparação, exposição do produto e fidelização dos clientes. Na preparação do produto para a venda, ela utiliza a balança da barraca vizinha para pesar a primeira porção da massa, numa fração de um

quilo. Esta é a única porção estabelecida com o uso da balança. Todas as demais serão medidas por meio de uma técnica denominada por Balbina como “de olho”.

Com relação à promoção do produto, Balbina expõe as massas no balcão de maneira organizada, bem como seus bolos de aipim, carimã e puba. Concomitantemente, também fideliza seus clientes com tratamento personalizado por meio de informações sobre acondicionamento, validade e outros usos da massa como em pudins, biscoitos, mingaus e beijos. Irradia simpatia, com conversa sobre sua experiência de viver na feira, criar filhos e seus casos de amor. Principalmente histórias sobre seu marido, morto recentemente e de quem declara sentir falta. Para um dos clientes que aguarda atendimento, ela diz: “Pega dois quilos de aipim pra meu amigão aqui. No capricho! É três, é? Bota quatro pra ele meu filho”. Tudo é graça no pequeno comércio de Balbina.

Do uso ao cuidado de si

Outra questão a ser tomada em conta sobre o trabalho informal feirante refere-se ao que Schwartz (2007) assinala sobre a variabilidade do meio ambiente onde o trabalho ocorre.

Ele jamais se repete exatamente de um dia para o outro, ou de uma situação de trabalho para outra. Então, aí está uma primeira infidelidade do meio. Cada pessoa vai tentar “lidar com” as lacunas ou as deficiências a seu modo, pois ela não pode fazê-lo de uma maneira padronizada. Ela o faz com sua história, seus próprios valores. E ao mesmo tempo ela vai contribuir ainda mais para singularizar o meio, para dar uma fonte de variabilidade suplementar (SCHWARTZ, 2007, pg. 191).

Dado a estrutura da feira livre, com seus informais autônomos criativos e suas infíeis estruturas de trabalho variáveis, por natureza, impõe-se a questão de como, diante deste cenário, ainda ser possível dar conta de cuidar de si.

Diferentemente dos trabalhadores formais, que têm ações de prevenção e outras garantias (ao menos normatizadas), na feira, há uma completa ausência de políticas que reconheçam a importância histórica de suas atividades informais. Sem reconhecimento legal e sem promoção à saúde, esses trabalhadores se consideram “*sem direito à nada*” na difícil tarefa de cuidar-se.

Convergente com essa perspectiva, Balbina apresenta três exemplos particulares e referenciais do seu histórico ocupacional de cuidar-se, em meio à sua atividade de trabalhadora feirante informal: cuidar de sobreviver economicamente; cuidar de ser mulher num ambiente masculino; e cuidar de ser operadora da máquina raladora desenvolvida por

ela. Sobreviver, para Balbina, significa a base elementar de todo trabalhador feirante. Provocada sobre essa perspectiva, ela relembra a sua última crise financeira:

Com todas as dívidas e o acidente do filho do meu marido, eu disse: Meu Deus, o que é que eu vou fazer da vida? Aí eu pedi uma “bola” (cilindro ralador que compõe a máquina) a um rapaz de Santo Antônio de Jesus. Eu vou botar um aipim pra ralar aqui, ninguém tem e eu vou fazer sucesso com ele. Daí cheguei na Feira do Pau comprei um motor seminovo por 60,00 “Cruzeiros”. O pessoal não sabia como fazer bolo de aipim e eu comecei. Aí nasceu o meu novo processo de sobrevivência (BALBINA, 2012).

Cuidou-se como pôde. Tantas vezes sozinha, outras vezes com seus pares. Sofreu maus tratos, assédios e discriminações. Para ela isso é ser mulher feirante. Hoje, respeitada e cansada, entende que está resguardada. Ninguém a perturba mais. Para isso, teve que ser “valente” e “mulher-homem”. Nunca fraquejar.

Considerações finais

A intervenção do poder público na FSJ iniciou-se no ano de 2012, e trouxe à tona a discussão junto ao Sindifeira, sobre a necessidade de uma aproximação real das situações de trabalho peculiares nesse espaço. Entretanto, diante de um ambiente polifônico e polissêmico desse universo, com múltiplas funções de trabalho, é perceptível no projeto de Requalificação da FSJ a ausência de uma análise segmentada, com vistas a proporcionar a compreensão e o desenvolvimento particular e coletivo desse lugar-feira.

Este estudo de caso sobre Balbina e sua atividade tenta exemplificar o peculiar, a observação situacional, o trabalho real e a saúde ocupacional do feirante. Nesse contexto, a ralação de mandioca é apenas um item das muitas formas de garantir a vida e o trabalho na FSJ.

As precárias estruturas para organização do trabalho nesta feira, aliadas às estratégias autônomas de regulação para viabilização da produção, requerem a compreensão do *modus operandi* do mundo do trabalho feirense, que poderia se abrir e contribuir para o campo da saúde do trabalhador feirante. Nesse domínio, na FSJ, há ainda muito o que se apreender e construir.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A. A. O saber prático construído pela experiência compensa as deficiências provocadas pelas condições inadequadas de trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p. 35-49, 2003.

BAHIA. Secretaria de Cultura do Estado - Secult. Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – Ipac. **Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, cadastramento 2008**. 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CACCIAMALI, M.C. **Informalização recente do mercado de trabalho brasileiro**. São Paulo: IPE/USP/MT, 1989

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CLOT, Y. Clínica do trabalho, clínica do real. **Le journal des psychologues**, n. 185, mar. 2001. Disponível em: < <http://www.pqv.unifesp.br/clotClindotrab-tradkslb.pdf>> Acesso:25 mai. 2012.

FAGUNDES, M.E.M. Referências teóricas sobre a informalidade: Uma revisão de literatura. **Força de trabalho e emprego**. Salvador: CIT/CRT. v.8, n.1/2, p.15-8, 1991.

FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 6, p. 242-64, jul/dez 2001.

FREITAS, M.C.S.; MINAYO, M.C.S.; FONTES, G.A.V. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 31-8. 2011

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GUÉRIN, F. et al. **Compreendendo o trabalho para transformá-lo**. A prática da Ergonomia. São Paulo: Editora Edgar Blücher, 2004.

MINAYO, M.C.S **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.); DESLANDES, S.F.; NETO, O.C. ; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p. 9-29.

MINET, F. L'analyse de l'activité et la formation des compétences. Paris: Ed. L'Harmattan. 1995.

PENA, PGL & THÉBAUD-MONY, A. **Transformações organizacionais e inovações técnicas em hipermercados na França e no Brasil**: a emergência do hipercontrole nos espaços de trabalho e consumo. pp. 69-108. In: Trabalho e abordagem pluridisciplinar: estudos Brasil, França e Argentina. Ed. DIEESE e CESIT, São Paulo. 1995.

PIRENNE, H. **Economic and Social History of Medieval Europe**. New York: A Harvest Book. 1936

SANTOS, M. **O espaço dividido** – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 19, n. spe., p.95-102, 2007.

SCHWARTZ, Y. A Comunidade Científica Ampliada e o Regime de Produção de Saberes. **Trabalho & Educação**, Revista do NETE/UFMG, Belo Horizonte, n. 7, p. 38-46, jul./dez. 1999.

_____. Trabalho e educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 7, n. 38, p.5-17, mar./abr. 2001.

_____. **Trabalho e gestão**: níveis, critérios, instâncias. In: FIGUEIREDO, M. et al. (Orgs.) *Labirintos do Trabalho. Interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L (Org.). **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, E.C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, M.N.C. **A teia da Feira**: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia. 2010. 252f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

TORRES, J. Tombamento da Feira de São Joaquim volta a ser debatido. **Jornal Correio da Bahia**. Bahia, 12 jul. 2006. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2006/07/12/tombamento-da-feira-de-sao-joaquim-volta-a-ser-debatido/>> Acesso: 17 nov. 2011.

TRIVELATTO, G.C. **Metodologias de reconhecimento e avaliação qualitativa de riscos ocupacionais**. São Paulo: Fundacentro, 1998.

WISNER, A. **A inteligência no trabalho: textos selecionados**. São Paulo: Fundacentro, 1994.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. *Tradução Maria Helena C. V.. Trylinski*. São Paulo: Atlas, 2001. p.68

ANEXOS

Anexo 1 – Projeto de Dissertação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO



Significados de saúde para os feirantes de São Joaquim:

Um olhar sobre o Projeto de Requalificação

SAULO ROBLEDO CARDOSO

PROJETO DE DISSERTAÇÃO

Salvador - Bahia

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO



Significados de saúde para os feirantes de São Joaquim:

Um olhar sobre o Projeto de Requalificação

SAULO ROBLEDO CARDOSO

PROJETO DE DISSERTAÇÃO

Projeto de Dissertação apresentado ao Colegiado do Curso de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a aprovação na atividade obrigatória “Projeto de Dissertação” do Curso de Mestrado.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria do Carmo Soares de Freitas

Salvador - Bahia

2011

Resumo

A Feira de São Joaquim – FSJ, inaugurada em 1964, constitui o mais importante centro de abastecimento da cidade do Salvador fornecendo além de alimentos, utensílios domésticos, vestuário, e produtos da religiosidade do candomblé. Situada à margem da Baía de Todos os Santos, possui uma estrutura atual de 36.595,00 m², com 3.065 feirantes cadastrados e um público diário estimado em mais de 10.000 pessoas. A administração desta feira foi desenvolvida de modo empírico durante 48 anos, levando este importante acervo sociocultural a dois processos jurídicos antagônicos: um de tombamento enquanto patrimônio cultural, e outro de interdição por insalubridade pelo Ministério Público da Bahia. É neste contexto que o Governo do Estado propôs uma intervenção efetiva através do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, que têm como base produzir modificações estruturais e capacitações sobre saúde e melhoria ambiental aos feirantes. Com o objetivo de analisar os impactos sociais e culturais desta intervenção governamental foi desenvolvido uma investigação de abordagem qualitativa para descrever e identificar ações governamentais e demandas sociais e culturais dos atores sociais envolvidos.

Palavras Chaves: Requalificação de feira/ feira e condições ambientais / acepção de saúde por feirantes.

Orçamento

O presente projeto está incluso no Programa de bolsa de Pós-Graduação stricto sensu da Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), na modalidade mestrado acadêmico para o desenvolvimento de projeto de pesquisa que resultem em dissertação acadêmica.

O valor da bolsa: R\$ 1.200,00 (mensais com limite máximo de 24 meses).

Objetivos:

Objetivo Geral:

Analisar os significados do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim no que concerne às melhorias das condições de saúde dos feirantes e de seu ambiente de trabalho.

Analisar o trabalho de uma feirante, raladora de mandioca e as dificuldades ergonômicas que repercutem em sua saúde.

Objetivos específicos:

- Analisar as noções de saúde inscritas no Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim;

- Interpretar as noções de saúde dos feirantes;
- Descrever as condições ambientais e o cotidiano de trabalho dos feirantes;

Introdução

Este estudo versa sobre a significação do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim - PRFSJ, na cidade do Salvador, Bahia, para os feirantes beneficiados. A proposta de intervenção do Governo do Estado da Bahia, junto aos feirantes e seu ambiente de trabalho, traz como justificativa principal a melhoria das condições sanitárias e dos serviços oferecidos no espaço da feira.

De início, observa-se que não estão contempladas tais condições, ao menos como esperavam os feirantes. Dada a complexidade da proposta de intervenção para “*uma nova Feira de São Joaquim*” (Setur, 2011) e tendo em vista que os feirantes são os agentes principais à incorporar as novas ideias, torna-se necessário um estudo de abordagem qualitativa para o entendimento dessas mudanças principalmente no que concerne a melhoria das condições de trabalho, saúde e ambiente para esses atores sociais.

O estado da arte da Feira de São Joaquim - FSJ

Antes de entrar na Feira de São Joaquim, alguns estudos sobre os mercados abertos podem iluminar as observações e a compreensão deste espaço público. Lugar de vender alimentos a feira é também encontro de amigos, diversão e conversas. Sobre isso Leny Sato (2009, p. 21-22), apresenta a relação entre a diversidade das atividades de trabalho na feira e sua função sócio cultural quando expõe que “o fato de ter características culturais tão fortes que talvez seja justamente o fato de mantê-las o que garante a sua sobrevivência. A riqueza e a complexidade no modo de se organizar e a pluralidade de possibilidades de trabalho fazem da feira livre um espaço de trabalho, de sobrevivência, de convivência e de divertimento”.

A feira de Santo Amaro, no recôncavo baiano, é apresentada no estudo de Mirella Almeida (2010) como um espaço polissêmico diante das suas diversas características econômicas e Socioculturais. Neste estudo a pesquisadora destaca que a relação de significado da

contaminação alimentar para os feirantes se estabelece muito mais por influências culturais baseadas nos costumes e crenças do que pela interferência de conhecimentos técnico-científicos. “A noção de contaminação está relacionada às limitações das percepções dos sentidos associadas às formulações presentes nos saberes e crenças”.

Em Salvador, o estudo sobre a Feira do Japão, no bairro da Liberdade expressa um conjunto de tradições sobre valores sanitários ainda desconhecidos até então. Ana Claudia Minnaerte (2010) mergulha no cotidiano desta feira para mostrar as implicações do sujo e limpo no imaginário popular desses feirantes e consumidores. Nesse estudo é concluído que “as racionalidades sobre os riscos para a saúde geram uma estrutura, uma concepção, um arranjo, uma ordenação da feira que afeta a tradição, as crenças e interfere na significação da higiene como uma prática social” (Minaerte & Freitas, 2010).

Inaugurada em agosto de 1964 a Feira de São Joaquim – FSJ, é a maior da cidade do Salvador. Possui atualmente uma estrutura de 36.595,00 m² e 3.065 feirantes cadastrados, divididos entre 2.165 em boxes e 906 em bancas além de um público diário estimado em mais de 10.000 pessoas, entre compradores e visitantes (Cadastro IPAC, 2008).

Em vias da conclusão do seu processo de tombamento junto ao Ministério da Cultura, enquanto Patrimônio Cultural Imaterial a FSJ é considerada o berço de inúmeras manifestações culturais no que diz respeito a expressões artísticas, comidas típicas, produtos diversos representando “*o principal pólo distribuidor do artesanato produzido no recôncavo e de venda de produtos para rituais de candomblé*” (Jornal Correio da Bahia, 2006). Além da venda de animais vivos, calçados, vestuário, utensílios domésticos, frutos do mar, hortifruti, tabacaria, dentre outros.

Entretanto, ao considerar os aspectos sanitários, observam-se valores da cultura que parecem negligenciar ou desconhecer a saúde ambiental conforme a linguagem ética da vigilância sanitária. E tudo aos nossos olhos é sujo e de mal cheiro, como: restos de pescados, vísceras expostas, utilização do solo para apoiar verduras, legumes e animais vivos e abatidos. Ao lado disso caminham em meio as atividades comerciais, crianças, cachorros, gatos, ratos além do lixo em acúmulo como parte inevitável do cenário feirante. Observam-se precárias condições de acondicionamento das mercadorias, de manipulação de alimentos e sanitárias para a segurança alimentar. Estes itens constituem riscos para saúde do trabalhador da feira e seus consumidores. Nesse sentido um Projeto de Requalificação da FSJ é necessário e relevante. E para tanto, para que este seja eficaz em seus objetivos é fundamental conhecer as

práticas e saberes desses atores sociais que se dão no cotidiano da feira, desde o abastecimento de cada espaço comercial, sua manutenção, limpeza e preservação do meio ambiente.

Enquanto detentores da construção de saberes que organizam suas atividades, os feirantes são importantes agentes transformadores. Ao valorizar os saberes desses trabalhadores, seus valores culturais sobre a organização da feira, a higiene e condições materiais, entende-se que há necessidade de se analisar o que eles pensam sobre as propostas do projeto governamental de Requalificação da Feira. Vale dizer que diversos aspectos estéticos e sanitários são tomados como fundamentais nesse referido projeto.

No presente estudo as situações de risco ou fatores de risco para a saúde são caracterizadas como “*condição ou conjunto de circunstâncias que tem o potencial de causar um efeito adverso, que pode ser: morte, lesões, doenças ou danos à saúde, à propriedade ou ao meio ambiente*” (TRIVELATO, 1998).

Será tomado como referencial principal do conceito de saúde o apresentado na Constituição Brasileira de 1988, que de forma ampliado é utilizado pelo Sistema Unico de Saúde – SUS, o qual considera determinantes sociais e econômicos como necessários ao entendimento do processo saúde/doença, instituído no Art. 196:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Brasil,1988).

Vale destacar, que o universo da feira é composto por trabalhadores formais e informais, e nesta investigação os informais são caracterizados como: agentes sociais produtores da economia urbana que operam à margem do marco regulador do Estado, atuando em atividades que não utilizam capital intensivo, que detêm alguma forma de organização e cuja remuneração é própria ou sub-remunerada (CACCIAMALI, 1989). Quanto ao trabalho formal, considera-se os que estão “*ocupados que não estão na categoria anterior*” (FAGUNDES, 1991).

Com base nos registros do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador – SINDIFEIRA, em 2010 os níveis de escolaridade dos feirantes atuantes não ultrapassavam, em média, o 5º ano do ensino fundamental, além de possuírem faixas etárias que abrangem de crianças a idosos. Contudo, estas questões não constituem barreiras para que sejam desenvolvidas tecnologias na busca de assegurar suas sobrevivências no ambiente da feira.

O Projeto de Requalificação da FSJ que prevê a atual reforma da feira, conta com investimentos da ordem de R\$ 32 milhões, sendo executado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado - CONDER, responsável pela parte estrutural, e a Secretaria do Turismo - Setur, para capacitações dos feirantes sobre as condições sanitárias. Para a reforma está prevista a execução de obras de drenagem, instalações hidráulicas, pavimentação, restauro de 275 boxes e substituição de outros 745 por novos, além de capacitações nas áreas de saúde e empreendedorismo (Setur, 2010).

A importância de serem desenvolvidos projetos voltados à preservação de feiras livres refere-se não somente às questões econômicas, mas, sobretudo, à manutenção de uma cultura de mercados públicos. Neste contexto Pena (2005) enfatiza sobre a importância histórica da feira popular onde se dá a circulação dos consumidores, o aspecto econômico de compras a baixo preço, as relações sociais de proximidade, valores culturais e afetivos, a busca de informações, além do espaço público de convivência.

Com a inserção em campo, desde alguns meses, foi possível observar criticamente a construção de um espaço provisório na FSJ (Galpão de Água de Meninos), para atender as capacitações e a instalação das atividades dos feirantes num período de aproximadamente seis meses, até o governo organizar o espaço definitivo (de onde o feirante saiu para dar lugar às reformas estruturais e sanitárias e que irá ficar “bonito e limpo” como prometido).

Das primeiras observações na FSJ, entende-se que o lugar provisório para os feirantes, é o território de um tempo breve, ou um lugar de “ninguém”, o espaço para garantir a presença do feirante e implementar mudanças das concepções higienicas e salutaris na lógica do projeto de Requalificação. Este é também o lugar onde os feirantes serão capacitados para pensarem o antigo espaço de sua vivência como insalubre “feio e sujo”.

Nesse sentido elabora-se a seguinte hipótese de trabalho:

Durante o período de uma perspectiva projetiva pela Requalificação da FSJ, o feirante é concebido como um “novo” indivíduo para um lugar reestruturado onde estarão aptos a agirem como feirantes oficializados pelos órgãos reguladores de saúde, segurança e trabalho.

Entretanto, conforme se observa, nessa mudança de lugar o feirante se sente inseguro e mantém suas antigas concepções de saúde e higiene. Não entende algumas mudanças propostas mas consideram que são importantes para melhorias físicas e sanitárias do seu equipamento de trabalho.

A intervenção proposta pelo Estado à FSJ é compreendida como inédita. E a mesma jamais foi qualificada como feira, seja estruturalmente ou em relação aos seus trabalhadores, por esta razão há necessidade de se analisar as aceções dos feirantes sobre o PRFSJ.

A saúde pública nas feiras tem como seu principal agente transformador os feirantes. Mas como pensam a saúde e como agem para manter a higiene do lugar, são questões que devem ser observadas. O impacto das transformações de seus valores êmicos para uma aproximação com os éticos, da saúde pública, poderia seguir uma lógica pedagógica da etnometodologia (Garfinkel, 1979). Esta valoriza os conceitos empíricos e tenta se aproximar de outros valores a partir da dialogicidade numa temporalidade flexível para estes atores. Isto quer dizer que, a participação dos atores sociais é fundamental para objetivar o projeto do governo. Participação no que diz respeito à manutenção do ambiente de trabalho, para o controle de riscos de doenças (CÂMARA, 2003).

Mas ao entrar na feira e acercar-se da discussão sobre o projeto na FSJ junto aos feirantes, observam-se neles, sentimentos de receios, dúvidas e medos de mudar o cotidiano. Uns feirantes não entenderam ainda do que se trata, sentem-se enganados pelos agentes do governo, outros dizem que irão perder suas freguesias ao mudarem de lugar para ceder seu espaço para as reformas físicas. E alguns dizem que *depois a gente volta a ser como antes*.

Neste estudo, suas expressões discursivas e suas práticas de gestão, procedimentos técnicos, ademais da observação do mundo da vida cotidiana, constituem importantes objetos de análise junto aos feirantes. Serão caracterizadas enquanto expressões discursivas, os contextos nos quais são apresentados pelos feirantes: seus históricos de vida e trabalho; as descrições sobre o ambiente da feira; o desenvolvimento dos conhecimentos na feira; as expectativas da *Requalificação* em relação às melhorias da sua saúde e do ambiente; à

percepção dos riscos eminentes da sua atividade através dos procedimentos cotidianos; as expectativas em relação aos conhecimentos trabalhados durante a intervenção do governo.

Além da abordagem junto aos feirantes farão parte do contexto das expressões discursivas a análise dos conceitos de intervenção, voltados à saúde, organizados pelo governo para comporem os conteúdos do PRFSJ. Uma vez que estes se constituem discursos oficiais.

Desse modo, o olhar a ser lançado sobre essas expressões poderão convergir em discursos e sistemas de representações para assegurar:

Lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. E que a representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas para as questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (Woodward, 2000: p. 17).

No que se refere à abordagem das práticas de gestão e procedimentos técnicos, serão observados: a caracterização do ambiente no qual são desenvolvidas as atividades comerciais e de seu entorno; os procedimentos técnicos; as trocas de informações dos feirantes entre si e para com os demais frequentadores do espaço da feira; seu discurso sobre aspectos da saúde e do ambiente a partir das capacitações do projeto de Requalificação. O que mudou para eles, o que eles esperam do governo, o que é melhor para a feira e seu trabalho.

A construção da atividade do feirante se dá de forma empírica que em consonância à dinâmica orgânica da feira possibilita a identificação social do trabalho nesse contexto. Ou seja, o modo de agir e pensar a organização do trabalho, as tradições ou normas antecedentes. Ao estudar o assunto pretende-se mostrar o “*patrimônio conceitual, científico e cultural, no qual podemos identificar, entre outros, o nível técnico-científico atingido, e a história sempre particular que conduziu*” trazido por Schwartz (1995/2001: p.598). Desse modo, estas questões serão compreendidas enquanto relações que se expressam como códigos simbólicos e estes autorizam a expressão da experiência do trabalho, propriamente dito (Alvarez & Telles, 2004).

Nesse sentido, o presente estudo busca analisar os significados do impacto dessa intervenção educativa proposta pelo governo a partir dos saberes dos feirantes com seus discursos e práticas.

No que diz respeito às influências do mercado em cada atividade feirante, os discursos e práticas desses trabalhadores serão aqui analisados “*enquanto construção histórica, que permite apreender as permanências e as transformações atuais que geram novas formas de organizar o trabalho, em função das necessidades de acumulação e do dinamismo da sociedade de mercado*” Minayo & THEDIM (1997: p.27).

Aspectos Teórico-Methodológicas

O projeto de intervenção tem como meta *Requalificar*, em sua primeira etapa, 439 feirantes e foi iniciado em janeiro de 2012. O referido grupo foi relocado para um espaço adaptado, localizado ao lado da atual feira e denominado de Galpão Água de Meninos. Estes feirantes transferidos neste primeiro grupo do PRFSJ são proprietários, empregados e familiares.

Os objetivos do PRFSJ contemplam uma intervenção estrutural (reforma física da feira) e duas outras de ordem educativas (*Capacitação* dos feirantes): uma sobre a saúde e outra relacionada ao empreendedorismo. Este estudo pretende analisar apenas os significados da intervenção do governo, no que diz respeito ao campo da saúde, aludido pelos *beneficiários*. Ou seja, o que estes entendem das informações obtidas pelos agentes do projeto de Requalificação e a *mudança* da feira como necessária para a saúde do indivíduo e do ambiente.

Para as abordagens no universo da feira, os critérios foram definidos com base nas atividades e nas experiências dos feirantes. Assim sendo, a seleção dos feirantes foi baseada nas atividades comerciais contempladas pelo PRFSJ, com maior concentração de feirantes e produtividade, definidas como: comércio de animais vivos, artigos religiosos, carnes/vísceras, cerealistas, hortifrutigranjeiros, bares, restaurantes e peixes/mariscos.

Quanto à experiência dos feirantes, foi desenvolvida uma seleção que focaliza o feirante em cada uma das áreas de atuação referidas, homens e mulheres, com mais de dez anos de trabalho na referida feira.

Este estudo estará subdividido em três fases: 1) Análise de documentos históricos; 2) Inserção no campo com a observação participante e registros; 3) as entrevistas e posterior análise textual.

1) Na fase documental será feita a leitura detalhada do projeto de Requalificação da FSJ destacando expressões semânticas sobre as noções referidas à saúde e condições de trabalho; também será feita uma pesquisa documental sobre a história da referida feira.

2) Observação participante com registros em diário de campo sobre as condições ambientais e o trabalho dos feirantes. Também serão produzidas fotografias e imagens tendo em vista a descrição detalhada do espaço de transição ou provisório.

3) Aplicação de entrevistas em profundidade junto aos feirantes com o intuito de resgatar fragmentos de suas histórias de vida, suas vivências no cotidiano do trabalho, expectativas da intervenção proposta pelo Estado para as melhorias da feira, percepção dos riscos para a saúde. Serão entrevistados apenas feirantes que estão sendo capacitados e ocupantes do espaço provisório. Será enfatizado as relações estabelecidas entre os feirantes e a comissão implementadora do PRFSJ; descrição dos impactos sofridos pela atividades com relação ao espaço de transição; detalhamento de possíveis riscos à saúde do trabalhador e do ambiente.

A análise das informações obtidas nas entrevistas em profundidade sobre ações educativas de saúde, expressas pelos feirantes capacitados, será realizada com a interpretação das falas num processo hermenêutico descrito por Paul Ricoeur (2009). A base da interpretação é a experiência do feirante. Ele apresenta, manifesta a sua vivência sobre o que considera salubre ou não em seu espaço de experiência. No dia-dia da pesquisa, surgem conversas (que podem ser gravadas como entrevistas com o consentimento do sujeito) e aí se regata a etnometodologia, os fragmentos de história de vida. Um assunto surge como uma indicialidade referente à saúde, por exemplo. Proposta por Garfinkel (1979), a etnometodologia, constitui uma teoria compreensiva da prática da vida artesanal em que os atores sociais interpretam em primeira instância o objeto de estudo proposto: a condição de saúde na FSJ. Como ele se sentia em seu antigo espaço (insalubre), e como será num novo lugar, com as novas informações sobre a saúde (do corpo e do lugar). Estas são as duas indicialidades propostas pela etnometodologia a serem valorizadas neste estudo.

Na garantia de assegurar o aprofundamento etnográfico pretendido é estudado em Minayo (2008: p.149) os referenciais de *“estabelecer uma observação direta com investigação detalhada dos fatos, no lugar em que eles ocorrem, com a finalidade de produzir uma descrição minuciosa e densa das pessoas, de suas relações e de sua cultura”* e no que se refere ao planejamento do campo, é entendida a importância de *“trazer para a compreensão social uma grande riqueza de informações, fazendo mediação entre estratégias de abordagem e uma nova teoria gerada a partir do campo”*.

Quanto à abordagem de imersão proposta neste estudo Geertz (1989: p.35) enfatiza que *“cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seu impulso intelectual”*.

Ainda no que se refere aos desafios fenomenológicos do trabalho de campo, é pretendido garantir uma maior aproximação entre o trabalho do pesquisador e o informante como defende Freitas (2002) em: *“No encontro real, ou quase real – e também conflitivo, porque é supostamente mediado por sentimentos – entre o informante e o pesquisador, busca-se interpretar aproximando os mundos para a compreensão do fenômeno”* (FREITAS, 2002, p. 17)

O esquema autogerador proposto por Jovchelovitch & Bauer (2002) constitui, do ponto de vista das entrevistas no campo, parte dos métodos a serem utilizados, uma vez que podem contribuir com a seguinte estrutura: Textura detalhada – que se refere à necessidade de dar informação específica afim de dar conta, razoavelmente, da transição entre um acontecimento e outro; Fixação da relevância – na qual o contador de história narra aqueles aspectos do acontecimento mais importantes, de acordo com sua experiência de vida e trabalho.

Se a hermenêutica realiza a interpretação dos textos, dos fatos históricos, da cotidianidade e da realidade na qual ocorrem, e, a dialética sublinha o dissenso, a mudança e os macroprocessos (Minayo, 2002), a articulação de situações diversas se constitui um importante método para compreensão e crítica da realidade social. Assim, é proposto neste estudo uma abordagem hermenêutica-dialética para a análise dos conteúdos referentes ao discurso oficial presente PRFSJ e dos textos narrados pelos feirantes sobre suas experiências de trabalho e condições de saúde sem perder de vista o projeto de intervenção do Estado.

A história oral, conforme Elizeu Souza (2009) é parte da compreensão dos processos históricos e socioculturais vividos pelos feirantes colaboradores deste estudo. Nesse aspecto vale dizer que compreender a importância dos sentidos históricos através da interface entre o que Sartre (1978) traz como abordagem biográfica regressiva progressiva e os métodos e instrumentos aqui propostos para o estudo biográfico contribuirá para os avanços e aprofundamentos pretendidos nesta investigação, uma vez que o autor propõe que: o biografado é colocado de forma analítica, compreensiva e crítica no contexto das determinações que o constroem e de sua liberdade como sujeito de forma contextualizada historicamente.

Dada a complexidade e o cuidado a serem empreendidos neste estudo, é almejado como resultado uma dissertação que possa contribuir significativamente para mostrar as condições de trabalho dos feirantes de São Joaquim e o projeto de intervenção nomeado requalificação. Sobretudo suas condições de saúde neste ambiente social.

Aspectos Éticos

Este projeto será examinado pelo Comitê de Ética conforme recomendação do Ministério da Saúde, resolução do Conselho Nacional de Saúde (nº 196/96, de 10 de outubro de 1996), para pesquisas em seres humanos. Escolhe-se o Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia por ser a professora orientadora lotada nesta unidade no Programa de Pós Graduação. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a realização das entrevistas dos colaboradores deste estudo, os feirantes da FSJ, encontra-se em anexo, assim como o roteiro de entrevistas.

CONCLUSOES

Este estudo identificou inúmeras fragilidades no Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, proposto pelo Governo do Estado, quanto ao planejamento, execução e controle das demandas sociais, econômicas, políticas, culturais e humanas para a preservação e desenvolvimento da atividade feirante.

Os conjuntos de particularidades que compõem as diversas áreas de atuação do trabalho feirante demandam dos órgãos interventores maior capacidade de aproximação e investigação, pois, do contrário, poderão constituir ameaças ao alcance dos objetivos.

Questões como a centralização das decisões a serem estabelecidas pelos órgãos interventores, aliado à administração conflituosa do espaço provisório ocupado pelos feirantes

tem provocado nestes, descontentamento e desconfiança sobre os verdadeiros compromissos assumidos pelos gestores da intervenção.

Tendo em vista que a iminência de fechamento da feira foi atribuída à ausência de salubridade neste lugar, a apresentação de propostas que valorizem o turismo e o empreendedorismo aparecem enquanto características de negligência e conveniência diante das urgentes necessidades de cuidado com a saúde na Feira de São Joaquim.

A utilização do método da AET possibilitou uma maior aproximação da situação real de trabalho da feirante raladora de mandioca, constituindo assim uma importante ferramenta na construção de futuras intervenções no ambiente da feira.

A fusão da vida e do trabalho apresenta-se nesta feira como importante objeto de estudo para o desenvolvimento de políticas públicas que visem estabelecer avanços no mundo do trabalho feirante informal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MD. Significados da contaminação alimentar para os feirantes de Santo Amaro – BA./Mirella Dias Almeida. –Salvador, 2010.

ALVAREZ D & TELLES AL. Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes. In: FIGUEIREDO, M. et al. (Orgs.) Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

Título VII, Da Ordem Social; Capítulo II, Da Seguridade Social; Seção II, Da Saúde. Art 196. Brasília, DF: Senado,1988.

CACCIAMALI MC. Informalização recente do mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: IPE/USP/MT, Novembro/ 1989

CÂMARA VM, TAMBELLINI AT, CASTRO HA, WAISSMANN W. Saúde ambiental e saúde do trabalhador: epidemiologia das relações entre a produção, o ambiente e a saúde. In: Epidemiologia & Saúde/Maria Zélia Rouquayrol, Naomar Almeida Filho – 6ª ed. – Rio de Janeiro: MEDSI 2003

CASTILLO, N I. Alguns questionamentos sobre a hipótese da requalificação do trabalho. Educ. Soc. [online]. 1997, vol.18, n.58, pp. 54-83. ISSN 0101-7330.

CONGRESSO NACIONAL (BR). Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Brasília: 2010

JORNAL CORREIO DA BAHIA. In:
<http://www.cultura.gov.br/site/2006/07/12/tombamento-da-feira-de-sao-joaquim-volta-a-ser-debatido/>

FAGUNDES MEM. Referências teóricas sobre a informalidade: Uma revisão de literatura. *Força de trabalho e emprego*, v.8, nº 1 / 2, p. 15-18. Salvador: CIT/CRT.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. Uma abordagem fenomenológica da fome. *Rev. Nutr.*, Jan 2002, vol.15, no.1, p.53-69. ISSN 1415-5273

GARFINKEL H. *Studies in Ethnomethodology*. Nova York: Prentice-Hall, 1976

GEERTZ C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IPAC - Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, cadastramento 2008- Centro Histórico de Salvador, Rua 28 de Setembro, nº 15 - Centro, Salvador-BA - CEP: 40.020-246

JOVCHELOVITCH S & BAUER MW. Entrevista narrativa, In: Bauer MW e Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 516 p. ISBN: 8532627277

LACAZ FA. *Vigilância em saúde do trabalhador*. 2ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. 1994: Caderno de Textos / Ministério da Saúde, 2002.

MINNAERTE ACST & FREITAS MCS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(Supl. 1):1607-1614, 2010

MINAYO GC & THEDIM-COSTA SMF. *A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas*. *Cadernos de Saúde Pública* 13 (Supl.2): 21-32, 1997.

MINAYO MC. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11a. ed. São Paulo: HUCITEC; ABRASCO, 2008.

MINAYO MCS. *Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social, próprio*, pp. 83-107. In MCS Minayo & SF Deslandes (orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Ed. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.

MORAES IHS. Informações em saúde: da prática fragmentada ao exercício da cidadania. Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1994. 172p.

OLIVEIRA DPR de. Sistemas de informações gerenciais: estratégias, táticas, operacionais – 10. Ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

PORTO MFS; Mattos UAO Estratégias de Prevenção, Gerenciamento de Riscos e Mudança Tecnológica. . In: Mendes R, Patologia do Trabalho. Cap. 43, 2a edição, S.Paulo: Atheneu, 2005.

PENA PGL, Thébaud-Mony, A. Transformações organizacionais e inovações técnicas em hipermercados na França e no Brasil: a emergência do hipercontrole nos espaços de trabalho e consumo. In: DIEESE; CESIT (Org.). Trabalho e abordagem pluridisciplinar: estudos Brasil, França e Argentina. São Paulo: DIEESE; Campinas: CESIT/IE/Unicamp, p. 69-108, 2005.

RICOEUR, P. Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso da significação. Lisboa, Editora 70, Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 2009

SCHWARTZ Y. De l'inconfort intellectuel ou: comment penser les activités humaines. In: le paradigme ergologique ou um métier de philosophe. Toulouse: Octares, 2001.

Setur. DOC. Projeto de Requalificação da feira de São Joaquim. 2011

Setur. In: <http://www.setur.ba.gov.br/2010/03/26/feirantes-sao-convidados-para-ultima-reuniao-sobre-reforma-de-sao-joaquim/>

SINDFEIRA. Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador. Cadastro de Feirantes. Av. Engenheiro Oscar Pontes 36, edf. Serra Valle, sala 409, Calçada.

SARTRE JP. Questão de método. Sartre. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1978

TRIVELATTO GC. Metodologias de reconhecimento e avaliação qualitativa de riscos ocupacionais. São Paulo: Fundacentro, 1998.

WOODWARD K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Anexo 2 - Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Apresentação do propósito da entrevista, do termo de consentimento e acordos (tempo, uso de gravador e a utilização de material produzido);
- Dados gerais: nome, idade, escolaridade, religião, estado civil, bairro onde mora e quanto tempo é feirante; o que comercializa na feira.
- Descrever o ambiente da feira; As melhores lembranças; as dificuldades; A história de seu trabalho na Feira de São Joaquim; Como aprendeu a desenvolver sua atividade; que horas chega à feira; deve ser relatado todo o processo de trabalho; descrever a sua atividade; os riscos do trabalho.
- Há quanto tempo trabalha como feirante; como ocorreu a aprendizagem da profissão;
- Relatar os problemas que identifica no seu ambiente (ou espaço) de trabalho (saúde e ambiente); Qual o maior problema enfrentado no processo de trabalho? O que mais gosta ou acha gratificante no seu trabalho?
- O senhor tem ou já teve algum problema de saúde recorrente do trabalho? Relate. Já presenciou algum acidente de trabalho? Relate como aconteceu?
- Durante o processo de trabalho sente alguma dor ou desconforto em alguma parte do corpo? Já procurou algum posto de saúde, algum hospital por causa do problema de saúde? já fez algum tipo de tratamento?
- E no final do dia, quando o trabalho termina e o senhor chega em casa, como o senhor sente seu corpo?
- Como o senhor acha que está a sua saúde?; Como o senhor cuida de sua saúde?
- O que é saúde? Saúde dos trabalhadores da feira; o que é limpo e sujo.
- O que você pensa sobre o PRFSJ; Descrever como começou o PRFSJ; O que considera mais importante nas qualificações; e menos importante; As sugestões que teria para o PRFSJ; As contribuições desse projeto de requalificação para o trabalho, a vida; A relação do projeto com a *saúde* na feira?
- Quais seus sonhos, suas perspectivas de mudanças para a feira depois desse projeto de Requalificação?

Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SOCIAL
MESTRADO EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO**

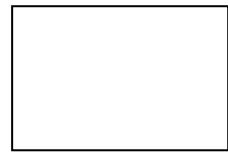
TERMO DE CONSENTIMENTO

Estamos convidando você a participar voluntariamente da pesquisa intitulada **“Significados de saúde para os feirantes de São Joaquim: um olhar sobre o projeto de Requalificação”**. A pesquisa está sob a responsabilidade do mestrando SAULO ROBLEDOS CARDOSO e sob a orientação da prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Soares de Freitas do Programa de Pós Graduação, Mestrado Saúde Ambiente e Trabalho da FAMED. Este trabalho tem como objetivo analisar os significados do Projeto de Requalificação da FSJ para a melhoria das condições de trabalho, saúde e ambiente dos feirantes privilegiando seus discursos sobre estes assuntos. Você pode participar da entrevista no seu local de trabalho. Esta entrevista apresenta perguntas sobre: aspectos sanitários do ambiente, o dia-dia do trabalho na feira; o que é saúde. Haverá também visitas do pesquisador no seu local de trabalho para observar a sua rotina. As entrevistas são registradas em gravador e transcritas para análise. Também, será realizado um conjunto de fotografias com a sua participação. Não será utilizado outro método de coleta mais invasivo ou que produza danos à sua saúde e também à comunidade. Se a presença do pesquisador lhe trouxer desconforto este deve se retirar imediatamente de seu local de trabalho. Informo que a sua participação na pesquisa é voluntária e a recusa não trará qualquer prejuízo ou constrangimento junto ao pesquisador e à Universidade Federal da Bahia. Os resultados obtidos serão divulgados para a comunidade científica e as entrevistas estarão disponíveis para análise em qualquer tempo. Sua identidade ficará em sigilo e sob a responsabilidade da pesquisadora não sendo divulgada. Em caso de divulgação, será adotado nomes fictícios. Você terá a liberdade de desistir a qualquer momento ao longo da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízos conforme a resolução do conselho Nacional de Saúde (nº 196/96, de 10 de outubro de 1996). Sua participação não trará benefícios financeiros. O pesquisador estará disponível para esclarecer todas as dúvidas sobre o projeto antes e durante o tempo da pesquisa. Em caso de dúvidas ou maiores esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador Saulo Robledo Cardoso, no Mestrado em Saúde,

Ambiente e Trabalho na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia sediado no Terreiro de Jesus, Centro Histórico, pelo telefone (71) 3283-5573, e-mail saulorobledo@gmail.com ou entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição (CEPNUT) da Universidade Federal da Bahia localizado na Rua Araújo Pinho, nº32-Campus Universitário do Canela, telefone (71)3283-7704, Fax (71)3283-7705, email-cepnut@ufba.br.

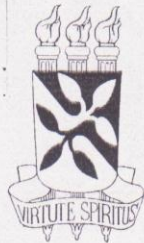
Nome _____

Assinatura: _____



Salvador, _____ de _____

_____ 2011

Anexo 4 – Parecer de aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEPNUT
Rua Araújo Pinho, 32, Canela
40.110-150 Salvador, Bahia, Brasil
Tel: (71) 3283-7704. Fax: (71) 3283-7705

Formulário de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

Projeto de Pesquisa: "Significados de Saúde para feirantes de São Joaquim: um olhar sobre o projeto de requalificação".

Pesquisador: Saulo Robledo Cardoso


Área Temática: Grupo III

Parecer: 06/12

Os Membros do Comitê de Ética em Pesquisa, da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, reunidos em sessão ordinária no dia 28 de maio de 2012, resolveram pela aprovação do projeto. O pesquisador deverá seguir as orientações do parecer consubstanciado, bem como comunicar ao CEP a respeito do andamento da pesquisa através de relatórios anuais, conforme disposto na resolução Nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde.

Situação: APROVADO

Salvador, 29 de maio de 2012.


Prof. Wilson Gaetano de Souza Junior
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Escola de Nutrição
Universidade Federal da Bahia

Anexo 5 – Termo de Acordo e Compromisso

TERMO DE ACORDO E COMPROMISSO QUE ENTRE SI CELEBRAM A SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA BAHIA - SETUR, A COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA – CONDER E

**.....
COM INTERVENIÊNCIA DO SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE FEIRANTES E AMBULANTES DA CIDADE DE SALVADOR- SINDIFEIRA e ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS FEIRANTES, AMBULANTES E BARRAQUEIROS DE FESTAS POPULARES DA CIDADE DE SALVADOR, NA FORMA ABAIXO:**

Pelo presente instrumento particular, a **SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA BAHIA**, pessoa jurídica de direito público interno, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 08.579.242/0001-93, com sede e foro na Avenida Tancredo Neves, nº 776, 8º andar, Edf. Desenbahia, Bloco A, nesta Capital, neste ato representada por seu Titular, Sr. Domingos Leonelli Netto, doravante denominada **SETUR**; a **COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA – CONDER**, empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SEDUR, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 13.595.251/0001-08, com sede e foro na Av. Edgard Santos, n. 936, Narandiba, nesta Capital, neste ato representada por seu Diretor Presidente Sr. Milton de Aragão Bulcão Villas-Bôas e pela Diretora de Equipamentos e Qualificação Urbanística Sra. Livia Maria Gabrielli de Azevedo, residentes e domiciliados nesta Capital, doravante designada, simplesmente, **CONDER**;,
....., portador do RG n.º,
inscrito no CPF/MF sob o n.º, residente e domiciliado.....

ocupante de área localizada na poligonal de intervenção do Projeto de Implementação de Infraestrutura da Feira de São Joaquim, no município de Salvador, Bahia, doravante denominado **TRANSIGENTE**; e como **INTERVENIENTES ANUENTES**, o **SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE FEIRANTES E AMBULANTES DA CIDADE DE SALVADOR – SINDIFEIRA**, entidade sindical, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 15.245.392/0001-27, com sede na Avenida Oscar Pontes, n.º 36, Edf. Serravale, sl. 409, Calçada, nesta Capital, neste ato representada por seu Diretor Presidente o Sr. Marcilio Costa Santos e a **ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS FEIRANTES, AMBULANTES E BARRAQUEIROS DE FESTAS POPULARES DA CIDADE DE SALVADOR**, associação civil assistencial, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 16.158.966/0001-91, com sede na Avenida Frederico Pontes, n.º 183, 1º andar, Calçada, Cep. 40.060-000, nesta Capital, neste ato, representada por seu Diretor Presidente o Sr. Nilton Raimundo Ávila Filho, nos termos do processo administrativo s/n, que integra o presente instrumento independente de transcrição, e,

- Considerando que a Superintendência de Patrimônio da União na Bahia, através da Portaria n.º 032, de 24 de agosto de 2009, autorizou a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia a realizar intervenções urbanísticas para implantação de infra-estrutura na Feira de São Joaquim, em área total de 38.495,26m² (trinta e oito mil, quatrocentos e noventa e cinco vírgula vinte e seis metros quadrados);

- Considerando que o Governo do Estado da Bahia, através do Decreto n.º 11.878, de 09 de dezembro de 2009, criou Grupo de Trabalho responsável pela implantação da reurbanização e requalificação da Feira de São Joaquim, autorizando a CONDER, nos termos do art. 4º, a licitar e contratar obras, serviços e bens necessários, assim como realizar projetos e demais atos para cumprimento da sua responsabilidade;

- Considerando o contrato de cessão de uso gratuito da área da Feira de São Joaquim, firmado entre a Superintendência de Patrimônio da União na Bahia e o Governo do Estado, para que esta a utilize para a implantação da reurbanização e requalificação da Feira;

- Considerando que o Estado da Bahia, no uso de suas atribuições, através do Decreto n.º 12.483, de 29 de novembro de 2010, declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação, as acessões e benfeitorias existentes na área denominada Feira de São Joaquim;

- Considerando que o TRANSIGENTE é ocupante das benfeitorias realizadas na área localizada na poligonal de intervenção do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, correspondente a um equipamento comercial denominado de Palet.

Acordam firmar a presente Transação Extrajudicial preventiva de qualquer litígio, de acordo com o art. 840 do Código Civil, mediante as Cláusulas e condições seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA – O TRANSIGENTE é ocupante de uma PALET COMERCIAL, cadastrado sob o n.º _____ e situado na poligonal de intervenção do Projeto de Requalificação da Feira de São Joaquim, tendo como atividade comercial _____.

CLÁUSULA SEGUNDA – Com a celebração da presente Transação, a SETUR compromete-se a definir, em conjunto com a CONDER e a Superintendência de Patrimônio da União, a outorga do uso de um PALET COMERCIAL, componente da infraestrutura da Feira de São Joaquim, sendo posteriormente instrumentalizada pelas partes TRANSIGENTES, definindo-se seus prazos e obrigações.

Subcláusula Única – Cumprido o compromisso previsto no *caput* desta Cláusula, o TRANSIGENTE dará à SETUR a mais plena, rasa, geral e irrevogável quitação, para nada mais postular, em juízo ou fora dele, qualquer direito sob qualquer pretexto, especialmente para nada mais pedir a título de remuneração, preço ou indenização, em decorrência da ocupação que ora é transacionada e automaticamente transferida à SETUR e CONDER.

CLÁUSULA TERCEIRA – Com a Transação ora celebrada, o TRANSIGENTE se obriga a desocupar a área do Palet no prazo constante no cronograma de remanejamento definido pelo Grupo de Mobilização Social, Sindifeira e Associação dos Feirantes.

Subcláusula Primeira - Durante o procedimento de intervenção já citado, o TRANSIGENTE ficará instalado, provisoriamente, no espaço destinado para PALETS localizado no entorno do

Anexo 6 - Transcrição do Vídeo Institucional da Secretaria do Turismo do Estado da Bahia (Setur)

Salvador daquela época era uma salvador muito menor do que é hoje. O número de pessoas era muito menor. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Salvador não tinha nada. O abastecimento de Salvador eram esses saveiros que levavam essas mercadorias daqui do Recôncavo. Olha um ali carregando... Eram esses saveiros. Mas eram muitos saveiros! Tem muita gente que pensa que o início foi em Água de Meninos. Mas o começo não foi em Água de Meninos, foi na Feira do Sete. Agora, porque Feira do Sete? Era porque ela era instalada no sétimo galpão das docas da Bahia. Houve necessidade de o governo fazer o Moinho da Bahia. Aí foram empurrando a gente... Empurrando... Então, o diretor do mercado popular apresentou um advogado, colega dele, que chamou: “Como vocês não fazem uma associação de vocês?”. “Ah vamos fazer uma associação!”. E aí criou o sindicato dos feirantes. Mestre Vitorino (ceramista e feirante).

Eram perseguidos demais pelo pessoal do Poder Público, então resolveram criar esse sindicato para enfrentamento com os poderes públicos e chegamos ao ponto de bater mesmo de frente com as autoridades daquela época que já pensavam realmente em tirar a feira de Água de Meninos. Mas como na época não havia ainda tido o golpe militar, ia se contornando as coisas. Não existia supermercado, naquela época era mais armazém e a feira é que realmente tinha preço para a população, então a população corria mais para a feira do que para os próprios armazéns de bairro. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Então aí a Feira foi crescendo, crescendo, crescendo... Era o abastecimento da cidade. Era o centro de abastecimento da cidade! Me chega a Esso... e se infiltra em nosso meio. E daí o resultado, meus amigos... Foi o incêndio! Mestre Vitorino (ceramista e feirante).

A Feira de Água de Meninos, ela foi queimada! Foi incêndio criminoso! Quiseram colocar a culpa em cima da Esso, da Shell, mas quando todos nós sabemos que aquilo foi um incêndio criminoso do golpe militar. O primeiro incêndio começou na base de umas 11 horas de um dia de sábado. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Fizeram o seguinte: botaram gasolina nas bocas de lobo! Na sexta feira à noite. Sábado era o dia forte da feira! Mestre Vitorino (ceramista e feirante).

Quando foi mais ou menos às 19 horas, os bombeiros conseguiram apagar tudo aquilo. Passou sábado, domingo e na segunda de noite, não sei por que o fogo recomeçou. Sabe Deus de onde veio aquele fogo. Recomeçou e tranquilamente queimaram o resto. Antônio Lima (feirante e ex-vereador de Salvador - PFL).

Eles não se conformaram que no primeiro ainda conseguiu salvar algumas coisas e veio o segundo que levou o restante das barracas. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Ai foi o caos! Chegou o capitão dos portos, com um trator demolindo tudo... Eu perdi tudo o que tinha. Todos nós perdemos. Mestre Vitorino (ceramista e feirante).

A solução imediata para a construção de nova feira estava na enseada de São Joaquim, que conta inclusive com porto de atracação para saveiros. Locução de rádio da época.

Conseguiram aquela área provisoriamente por 31 anos, em caráter provisório para a transferência dos feirantes. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Provisório... só que esses 31 anos já passou para 46, e já vai entrar nos 47! Antônio Lima (feirante e ex-vereador de Salvador - PFL).

Com o nosso próprio dinheiro foi que nós fizemos aqueles boxes ali, os boxes não foram dados pelas autoridades, não. Todos aqueles boxes que vocês veem ali na feira de São Joaquim foram feitos na época da mudança pelo próprio feirante, através de uma firma que tinha o nome “A Portela”. Geralmente a nossa ligação com os políticos... Com os que governaram esse estado após o golpe militar, era difícil! Eles não gostavam da Feira. Por exemplo: quando se falava em orçamento da prefeitura e falava em colocar algum dinheiro na feira de São Joaquim, o que eles diziam é que não colocariam nada porque era a melhor maneira de acabar com a feira. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Tinha governo que na verdade queria que a Feira de São Joaquim se acabasse. Ele não tinha coragem de enfrentar a Feira de São Joaquim, mas também não dava a manutenção que a Feira de São Joaquim precisava. Marcilio Costa Santos (Presidente do Sindicato dos Feirantes).

Ali não pode chover que entope tudo. Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Muita lama, muita sujeira, a Feira toda descoberta sem proteção nenhuma. Praticamente o policiamento tem, mas é muito pouco para a área grande. Moisés Ferreira (feirante).

O ancoradouro acabou. Não tem mais aqueles barcos que traziam de Nazaré, de outros do Recôncavo, porque não tem ancoradouro. Antônio Lima (feirante e ex-vereador de Salvador - PFL).

Tivemos a companheira Lídice da Matta, que com toda perseguição política, foi primeira prefeita a fazer alguns melhoramentos na Feira de São Joaquim. Então a Feira, ela não foi crescendo, ela foi inchando. Porque a Feira de São Joaquim, hoje ela é inchada. Ela não cresceu. Chegamos a um ponto mesmo... se não se toma uma providência... Nilton Ávila (ex-presidente do Sindicato dos Feirantes).

Precisava, necessitava sim de uma reforma pra que viesse dar uma melhora de vida. Marquinhos *Pitbull* (feirante e campeão de boxe).

“No começo foi muito complicado porque ninguém acreditava. A feira já tinha tido mais de vinte projetos, projetos de todas as maneiras...” Naia Alban (Arquiteta responsável).

Onde a feira de São Joaquim está hoje, é uma área privilegiada. E existia vários projetos para essa área e nós do sindicato sempre resistimos.

“Em 2009 o Ministério Público entrou com uma ação para fechar a feira. Devido a situação de higiene em que ela estava, junto com a vigilância sanitária. Foi quando o sindicato resolveu abraçar também o projeto, é importante salientar isso.” Francisco Sampaio (coordenador-geral – Conder).

Política fica de lado. Tem o projeto, tem que executar o projeto. Independente de que grupo político venha. Marcílio Costa – Presidente do Sindifeira.

É uma união entre a associação e o sindicato. Nilton Ávila – Ex-presidente do Sindifeira.

É isso aí. Aí vocês estão curtindo bem demais. É a nossa rádio Pinguim, a rádio da Feira de São Joaquim. E atenção que o Estado, junto com o Sindicato dos Feirantes, e Associação dos Feirantes, convoca todos vocês feirantes para uma reunião com urgência. É isso mesmo, é nessa quarta feira. É de muita importância! É sobre requalificação da Feira de São Joaquim. (Comunicado feito pela Rádio Pinguim a pedido do Governo).

Os deputados da Bahia, os 39 deputados federais, fizeram algumas emendas e essa verba veio para São Joaquim. Nilton Ávila.

Nós estamos num marco histórico da vida da feira de São Joaquim, quando agora a bancada de deputados federais da Bahia, aprovou uma emenda de 29 milhões de reais para a reurbanização da feira. E hoje depois de um processo de debate muito intenso, chegamos nesse momento à entrega dos galpões para onde virão uma parte dos feirantes, para iniciarmos a primeira etapa da obra da feira de São Joaquim. Lídice da Mata – Senadora da República.

“Isso aqui é uma tradição baiana, é uma marca baiana, é um local em que muito pai de família sustenta sua família desse trabalho. E eu tenho um carinho muito grande porque realmente isso aqui é parte da minha vida, quando eu cheguei na Bahia toda a minha compra era feita aqui.” Jacque Wagner – Governador da Bahia.

Venha ver as boas novas da nossa feira. Venha freguês ver! (Feirante não identificado).

Patrimônio imaterial da Bahia, a feira de São Joaquim está passando por um Projeto de Requalificação, elaborado de forma interativa com a participação de todos os feirantes, participação esta que se entenderá até o final das obras, e que abrange também, a capacitação de todos os envolvidos. Referência cultural de Salvador, e fonte geradora de trabalho, emprego e renda, a feira abriga e dá suporte a práticas coletivas de alta significância, transmitida por gerações. (Discurso em off do narrador).

A Feira de São Joaquim, ela se mantém com uma força tamanha porque, de fato, ela é quem alimenta os 1.400 terreiros de candomblé que temos na cidade de Salvador. Naia Alban – Arquiteta.

É lá que sai a maioria dos ingredientes como as comidas, que são compradas cá para os orixás, e os animais que são comprados na Feira para os rituais sagrados. Então a Feira de São

Joaquim, tanto para o povo de santo, e para a cultura da Bahia, é uma referência muito grande. Aristides Mascarenhas (presidente da Federação do Culto Afro-brasileiro).

Para manter essas características, oferecendo melhores condições de uso para comerciantes e clientes, foi elaborado o Projeto de Requalificação que adotou as seguintes premissas:

Manutenção das características originais que tornaram a feira singular; oferta de condições higiênicas e sanitárias; disciplinamento do acesso de caminhões ao interior da feira; ampliação de áreas comerciais com adequação aos realmente necessários negócios da feira; Com base nisso, a implantação do Projeto de Requalificação da Feira foi dividido em três etapas:

A primeira, já concluída, abrangeu a construção do novo pátio de carga e descarga, e do espaço de remanejamento dos feirantes, o Galpão Água de Meninos, que abriga hoje, boxes de comércio grossistas, mercadinhos, restaurantes, lojas e bancas, com cerca de 500 comerciantes transferidos. O momento simbólico desta etapa foi a demolição do muro que separava a feira do novo pátio, tornando-a maior e mais bonita. A segunda etapa engloba as obras de Requalificação da Enseada, com intervenções urbanísticas, de limpeza e dragagem, abrindo um novo visual para a Baía de Todos os Santos, e um maior fluxo de embarcações. Um novo píer a ser implantado garantirá a atracação de saveiros e escunas, a qualquer tempo, permitindo a integração da Feira à Rota Náutica da baía de Todos os Santos. A Feira propriamente dita, o chamado “Miolo”, onde se concentra a maioria dos comerciantes, será objeto da terceira etapa de intervenção, dividida em sete fases. Em cada fase, a previsão é transferir 400 comerciantes, em função da capacidade receptiva do Galpão Água de meninos, destacando-se que esta foi a fórmula compactuada, de fazer a reforma da feira, sem desativá-la. (Discurso em off do narrador).

Meu nome é Valdelice. E vendo café da manhã. Tenho 53 anos, e 25 anos de Feira. Eu fui uma das primeiras a mudar, estou aqui provisoriamente, e estou com fé. Assim como eu vim pra aqui com fé, botei o pé na frente, e fui a primeira a vir, eu to com fé que vou voltar pra lá sendo a primeira também. Pra meu boxe novo, cheiroso ainda mais do que o que eu estou! Valdelice Gonçalves (Feirante).

“A gente quer que seja realmente uma nova freguesia para uma feira que já está maior hoje, porque já ganhou o pátio dos grossistas, e vai ficar melhor e mais bonita”. Domingos Leonelli – Secretário do Turismo.

Nesta etapa, além da reforma geral, serão construídos dois novos galpões para comercialização de peixes, mariscos e animais vivos, carnes e vísceras, com todas as condições adequadas. Além disso, será implantado um espaço específico para produtos hortifrutigranjeiros. A infraestrutura da Feira será completa, com a implantação, entre outros aspectos, de novas redes de energia e iluminação, drenagem, abastecimento de água e esgotamento sanitário, sistema de combate a incêndio e pânico, segurança, gás e acesso sem fio à internet. (Discurso em off do narrador).

A requalificação vai trazer grandes melhoras, porque eu tenho filhos de santo em Portugal, na Argentina, na Suíça, e quando eles chegam aqui, aí eles vão para a Feira de São Joaquim. Então, essa referência ele vai levar lá para fora! E cada vez mais, você vê que é mais turistas frequentando a Feira de São Joaquim.

A gente se queixou tanto, que a Feira de São Joaquim levou 47 anos no abandono, então hoje é o nosso momento. Eu acho que a gente tem que acreditar, abraçar, e torcer, rezar para que tudo dê certo. E eu acho que vai dar certo! Nilton Ávila Filho (Pres. da Associação dos Feirantes

Com a modernização de sua estrutura física, mas preservando suas características, a Feira de São Joaquim, permanecerá agora maior e mais bonita, como referência de cultura, civilização e abastecimento da Cidade do Salvador. Tradições mantidas. Higiene e segurança. Preparada para os cidadãos, na feira o turismo acontecerá. (Discurso em off por narrador)

A Feira nem bem sabia, se ia pro mar ou sumia, nem o povo queria escolher outro lugar. Por cima da Feira as nuvens, atrás da feira a cidade, na frente da feira o mar.